

**ÍNDICE FIESP DE
COMPETITIVIDADE
DAS NAÇÕES**

IC-FIESP 2007

José Ricardo Roriz Coelho

10 de outubro de 2007

I. INTRODUÇÃO

II. RANKING IC-FIESP

III. PERFORMANCE NO LONGO PRAZO

IV. PERFORMANCE NO CURTO PRAZO

V. AGENDA DE COMPETITIVIDADE

VI. PROPOSTAS DA FIESP

2

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- A APRESENTAÇÃO DE HOJE, SE DIVIDIRÁ EM SEIS PARTES:
- 1. Faremos uma breve INTRODUÇÃO aos conceitos e ao índice;
- 2. Apresentaremos o RANKING dos 43 países, com nota e posição;
- 3. Analisaremos a performance do Brasil no LONGO PRAZO (00-05) comparando-a com a dos países mais competitivos e com alguns países que selecionamos;
- 4. Analisaremos sua performance no CURTO PRAZO (05 e 06), comparando-a com a média dos países e com a média dos quadrantes e projetamos para os próximos anos;
- 5. Então, trataremos da AGENDA de Competitividade, destacando o que é urgente do que é importante;
- 6. E, finalmente, apresentaremos algumas propostas para reformar e crescer.

I. INTRODUÇÃO

- **Conceito de Competitividade**
- **Objetivos do IC-FIESP**
- **Análises Realizadas**
- **Banco de Dados**
- **Estrutura do Banco de Dados**
- **Entendendo o Índice**

3

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- Na introdução descreveremos aspectos básicos da metodologia para que todos possam entender melhor as conclusões a que chegamos:
 1. Apresentaremos o CONCEITO DE COMPETITIVIDADE que utilizamos;
 2. Apresentaremos os OBJETIVOS do IC-FIESP;
 3. Falaremos das ANÁLISES REALIZADAS;
 4. Mostraremos a estrutura do nosso BANCO DE DADOS;
 5. Abordaremos os aspectos mais importantes da nossa METODOLOGIA;
 6. Explicaremos a classificação por QUARTIS;

CONCEITO

Competitividade é a capacidade de um país de criar condições para que as empresas nele instaladas produzam o maior bem-estar possível para seus cidadãos e que façam-no crescer ao longo do tempo em relação ao dos cidadãos de outros países.

Envolve, portanto, um conjunto de fatores que devem ser orientados à construção de vantagens competitivas, tais como:

- Economia Doméstica, Governo, Capital, Infra-Estrutura, Tecnologia, Comércio Internacional, Empresarial e Capital Humano.

ANOTAÇÕES

- A competitividade deve ser vista de forma histórica e relativa entre os países:
- 1. Ser competitivo é ser capaz de construir, manter e renovar um conjunto de atributos (FATORES) que favoreçam o desenvolvimento de negócios e que, portanto, alavancam a produção e a distribuição de riquezas;
- 2. E a competição se manifesta na construção desses fatores.
- Assim sendo, competitividade não é só exportação mas desenvolvimento humano, infraestrutura, tecnologia etc.

OBJETIVOS

- **Identificar as principais restrições ao crescimento da competitividade brasileira;**
- **Estabelecer a ordem de prioridade para o enfrentamento dessas restrições;**
- **Orientar a busca por experiências bem sucedidas em outros países que possam eventualmente ser adaptadas no Brasil.**
- **Orientar a elaboração de propostas de políticas de competitividade de médio e longo prazo.**

ANOTAÇÕES

- O Índice FIESP de Competitividade das Nações - IC-FIESP - tem quatro objetivos principais:
 1. Identificar restrições ao crescimento (DESAFIOS);
 2. Mostrar o que devemos enfrentar primeiro (PRIORIDADES);
 3. Buscar exemplos de como outros países enfrentaram os problemas que enfrentamos hoje (BENCHMARK);
 4. Propor soluções para enfrentar esses mesmos problemas (ESTRATÉGIA).

ANÁLISES REALIZADAS

- **Comparação da evolução da competitividade dos países ao longo do tempo;**
- **Identificação das variáveis que mais interferem na competitividade dos países;**
- **Análise dos esforços realizados e dos resultados atingidos;**
- **Simulação do efeito de melhoras nas variáveis sobre a prosperidade dos países.**

ANOTAÇÕES

- O IC-FIESP permite realizar quatro tipos de análise:
 1. **COMPARA** a evolução da competitividade dos **PAÍSES**;
 2. **IDENTIFICA** os **FATORES** que explicam essa capacidade de fazer crescer a competitividade e, conseqüentemente, a renda per capita mais rapidamente;
 3. **AVALIA** os **ESFORÇOS** realizados para tal E os **RESULTADOS** com eles obtidos;
 4. **SIMULA** os **EFEITOS DAS ESTRATÉGIAS PROPOSTAS** sobre a prosperidade de um país

BANCO DE DADOS

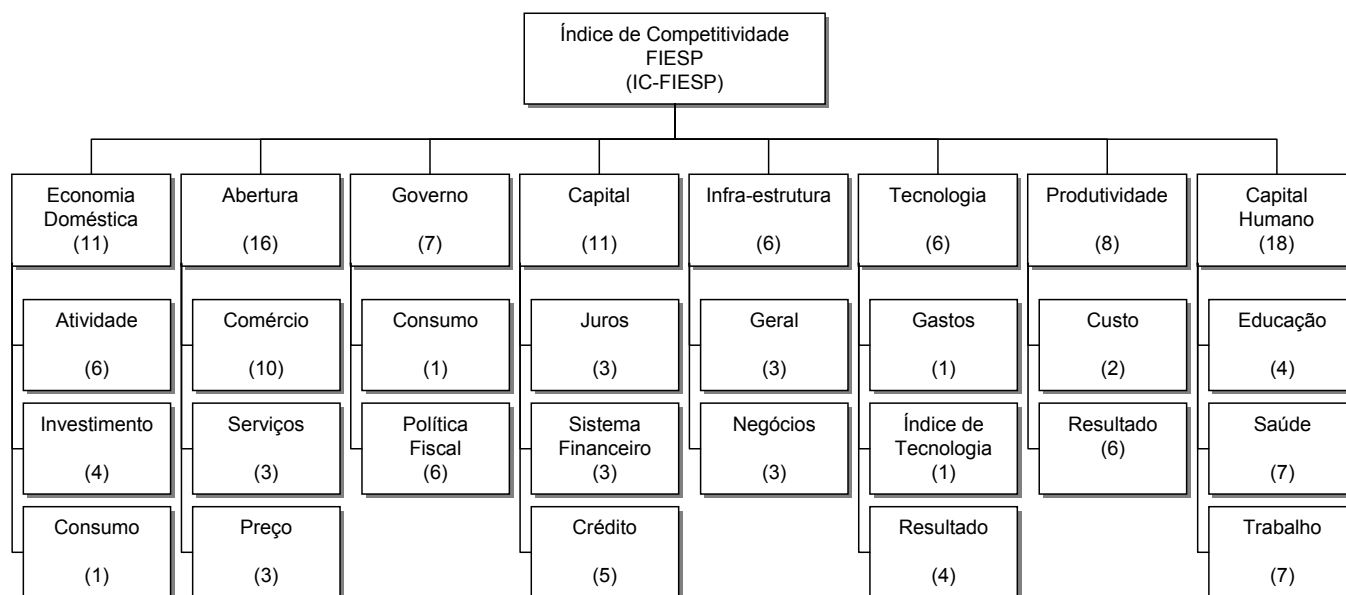
- **Número CONSTANTE de países (43 países que representam mais do que 90% do PIB mundial);**
- **Número CONSTANTE de variáveis (83);**
- **Menor defasagem temporal possível (2 anos);**
- **Utilização de fontes internacionalmente confiáveis:**
 - Banco Mundial (WB)
 - Fundo Monetário Internacional (FMI)
 - Organização das Nações Unidas (ONU)
 - Agência Central de Inteligência (CIA)
 - Instituto para o Desenvolvimento da Administração (IMD)
- **Série temporal longa (9 anos - de 1997 a 2005)**

7

ANOTAÇÕES

- O nosso banco de dados é significativo: 36 mil informações.
 - 1. São 43 países, os quais representam mais que 90% do PIB mundial (92,4% em 2005).
 - 2. Compreende 83 variáveis, todas quantitativas (não usamos opiniões);
 - 3. Têm origem em fontes internacionais internacionalmente confiáveis.
 - 4. Acumulam dados de 9 anos numa série histórica capaz de avaliar os resultados de mudanças cujos impactos são defasados no tempo.
 - 5. (apesar de $43 \times 83 \times 9 = 32$ mil, há variáveis, como Índice de Infra-estrutura, que utilizam mais do que uma informação, no caso 4: ferrovias, aeroportos, rodovias e telefonia)
-
- A defasagem de dois anos é normal nesse tipo de estudo:
 - 1. O cálculo estatísticas nacionais requer tempo e nem todos os países têm um IBGE!!!
 - 2. A coleta e organização dos dados feita por órgãos internacionais como, por exemplo, o Banco Mundial demanda tempo.

ESTRUTURA DO BANCO DE DADOS



ANOTAÇÕES

- Os dados estão agrupados em oito fatores e 21 subfatores.
- Os fatores são:
 1. Economia Doméstica
 2. Abertura
 3. Governo
 4. Capital
 5. Infra-estrutura
 6. Tecnologia
 7. Produtividade
 8. Capital Humano

ENTENDENDO O ÍNDICE

- Valores de 0 a 100*
- Quanto maior o número, maior a competitividade
- Países agrupados em Quartis (25%) de acordo com o valor do IC:
 - Quartil 1 - IC igual ou maior que **66,9** - ELEVADA
 - Quartil 2 - IC de **52,0** a **66,9** - SATISFATÓRIA
 - Quartil 3 - IC de **36,4** a **50,6** - MÉDIA
 - Quartil 4 - IC igual ou menor que **31,1** - BAIXA

* A transformação em nota de 0 a 100 procurou facilitar a compreensão.

9

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- O índice de competitividade é representado por uma “nota” que varia de 0 a 100.
-
- Com base nessa “nota”, agrupamos os países em quartis e identificamos as respectivas posições no ranking.
 1. Os países de competitividade elevada são aqueles com nota igual ou maior que **66,9**;
 2. Os de competitividade satisfatória vão de **52,0** a **66,9**;
 3. Os de competitividade média, de **36,4** a **50,6**;
 4. Finalmente, os países de baixa competitividade são aqueles com nota igual ou menor que **31,1**.

II. RANKING IC-FIESP

- **Ranking 2007 (com base em dados de 2005)**
- **Relação entre o IC-FIESP e o IDH**
- **Relação entre o IC-FIESP e o PIB Per Capita**
- **Competitividade e Crescimento**

10

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

Nesta segunda parte:

1. Apresentaremos as notas do IC-FIESP para os 43 países e suas respectivas posições no Ranking IC-FIESP;
2. Mostraremos a relação entre o IC-FIESP e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU (...)
3. (...) e também a relação entre o IC-FIESP e o PIB per capita.
4. Mostraremos ainda como a competitividade pode determinar o crescimento da renda dos países.

No IC-FIESP, os EUA seguem na liderança e o Brasil permanece no bloco dos países com baixa competitividade.

GRUPO	PAÍS	NOTA	RK	GRUPO	PAÍS	NOTA	RK
Q1 ELEVADA	Estados Unidos	93,9	1	Q3 MÉDIA	Espanha	50,6	23
	Suécia	76,8	2		Itália	47,7	24
	Japão	76,3	3		Hungria	46,0	25
	Suíça	75,1	4		Malásia	44,1	26
	Noruega	74,4	5		China	42,7	27
	Cingapura	73,2	6		Rússia	42,2	28
	Holanda	72,0	7		Grécia	38,7	29
	Hong Kong	71,6	8		Polônia	38,4	30
	Coréia	68,8	9		Argentina	37,9	31
	Israel	67,1	10		Chile	37,2	32
	Canadá	66,9	11		Portugal	36,4	33
Q2 SATISFA- TÓRIA	Reino Unido	66,9	12	Q4 BAIXA	África do Sul	31,1	34
	Alemanha	65,3	13		Tailândia	26,9	36
	Dinamarca	65,2	14		Venezuela	26,7	35
	Bélgica	65,0	15		México	23,2	37
	Finlândia	64,9	16		Brasil	17,4	38
	Irlanda	63,7	17		Filipinas	17,1	39
	Austrália	61,0	18		Turquia	16,8	40
	França	60,1	19		Colômbia	15,0	41
	Áustria	59,0	20		Índia	14,8	42
	Nova Zelândia	53,2	21		Indonésia	4,8	43
	República Tcheca	52,0	22				

11

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

	USA	BRA	RUS	CHN	IND	ARG	CHL	VEN	MEX	COL	ZAF	THA
Δ PIBpc*	2,5%	1,5%	6,7%	9,3%	6,1%	8,5%	5,2%	7,5%	5,4%	2,9%	4,3%	2,2%
IC-FIESP	93,9	17,4	42,2	42,7	14,8	37,9	37,2	26,7	23,2	15,0	31,1	26,9

(*) Δ PIBpc: Variação anual real do PIB per capita em 2005.

- ❑ Os EUA seguem na liderança com a maior nota: 93,9, enquanto o Brasil manteve-se em 38º lugar, com a nota de 17,4, no quadrante de baixa competitividade;
- ❑ Com relação aos demais BRICs (Rússia, Índia e China), estamos na frente apenas da Índia. A China, por sua vez, avançou no ranking e ultrapassa a Rússia.
- ❑ Na América Latina, ainda somos superados pela Argentina, Chile, Venezuela e México e só estamos melhor que a Colômbia. Continuamos atrás do México, o qual está na 37ª posição, porque a distância em índice é grande. A nota do México é 23,2 e a do Brasil, 17,4. Portanto, será necessário um grande esforço para ultrapassá-lo.
- ❑ Estamos atrás de países como África do Sul, Argentina, Tailândia e Venezuela:
- ❑ A Venezuela, por exemplo, tem taxas de juros e Spread muito menores do que o nosso, menos analfabetos, escolaridade superior (6,6 anos – enquanto a nossa é de 5 anos) e investe 19% do PIB, mais do que os 16,3% que investimos em 2005.
- ❑ A África do Sul, que tem um IDH pior, tem PIB per capita maior, crédito ao setor privado também maior (143% do PIB – contra os 31% nosso), menores juros e carga tributária (28% do PIB) e até mesmo sua taxa de investimento, que é uma das piores, 17,1% do PIB, supera a nossa.

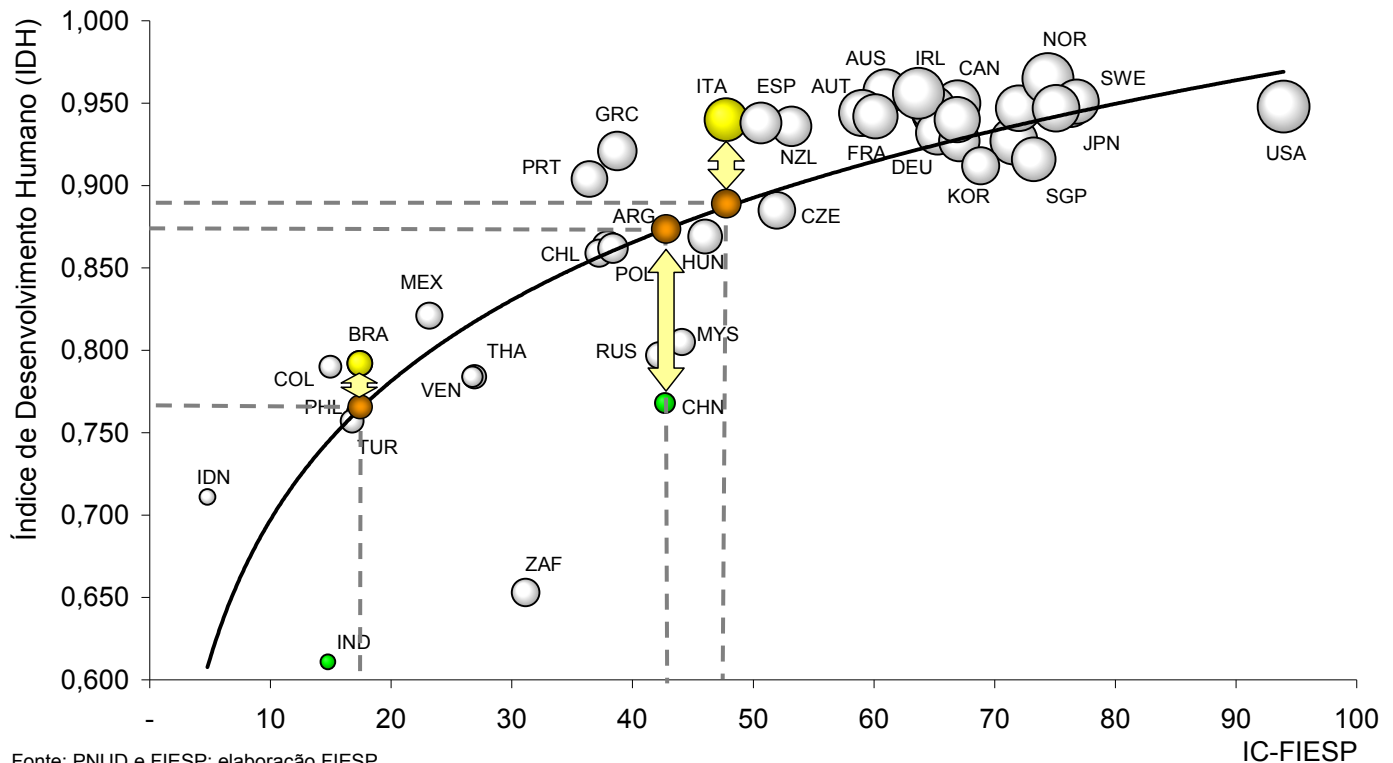
ANOTAÇÕES

(*) Segundo pesquisa publicada na última semana pela UNCTAD (Agência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento) o Brasil é quinto entre os países preferidos pelos investidores internacionais, perdendo somente para os outros BRICs (China, Índia e Rússia) e para os EUA.

Entre os países mais populosos, apenas Indonésia e Paquistão não entraram na lista da UNCTAD.

Apesar de somente 191 executivos de empresas terem respondido (de 1.500 que receberam o questionário), a pesquisa aponta como vantagens do país o tamanho e o crescimento do mercado local, cenário parecido com o dos demais BRICs. No entanto, a pesquisa aponta também que são os riscos geopolíticos e a instabilidade financeira os principais fatores que podem prejudicar esses investimentos.

IC-FIESP 2005 vs. IDH - 2004



13

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Percebemos a forte relação entre o IC-FIESP e o desenvolvimento dos países medidos pelo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que é indicada pela curva no gráfico.

Quanto maior é a competitividade medida pela nota no IC-FIESP, maior é o desenvolvimento humano medido pelo IDH.

- ❑ O IDH é composto por 3 indicadores:

1. Expectativa de Vida;
2. Taxa de Alfabetização (pessoas com 15 anos ou +);
3. PIB per capita.

- ❑ Notem que países como o Brasil e a Itália apresentam IDHs maiores do que aqueles que corresponderiam às suas notas no IC-FIESP.

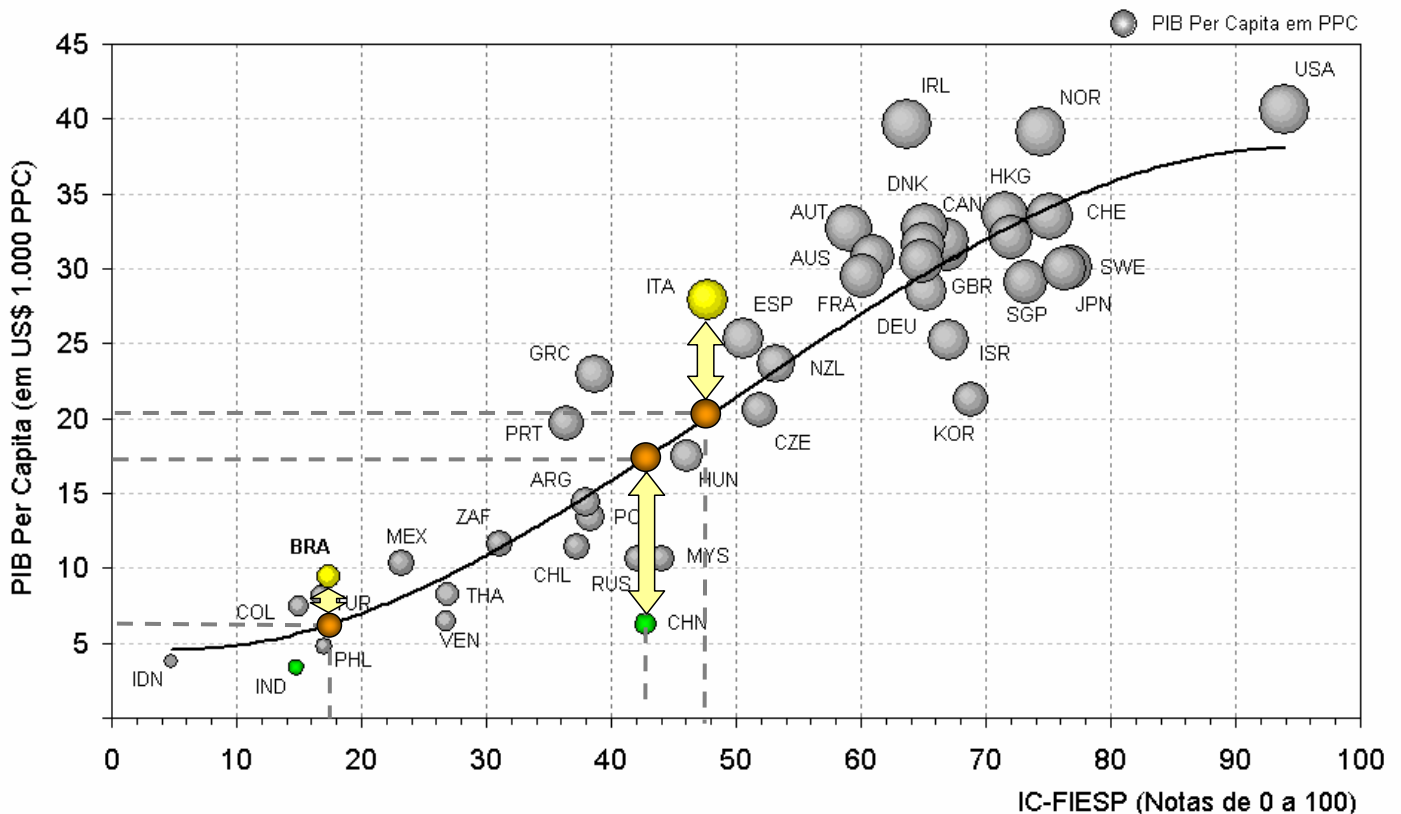
Isso reflete o estoque de ativos construídos no passado .

Com o tempo os IDHs desses países tendem a convergir para o valor sobre a curva.

- ❑ Por outro lado, países como Índia, África do Sul e China apresentam IDHs menores do que aqueles que corresponderiam às suas respectivas notas. A África do Sul (ZAF) é o exemplo mais extremo.

Nesses casos, a competitividade que tem sido construída ainda não se traduziu plenamente em desenvolvimento humano.

IC-FIESP vs. PIB Per Capita - 2005



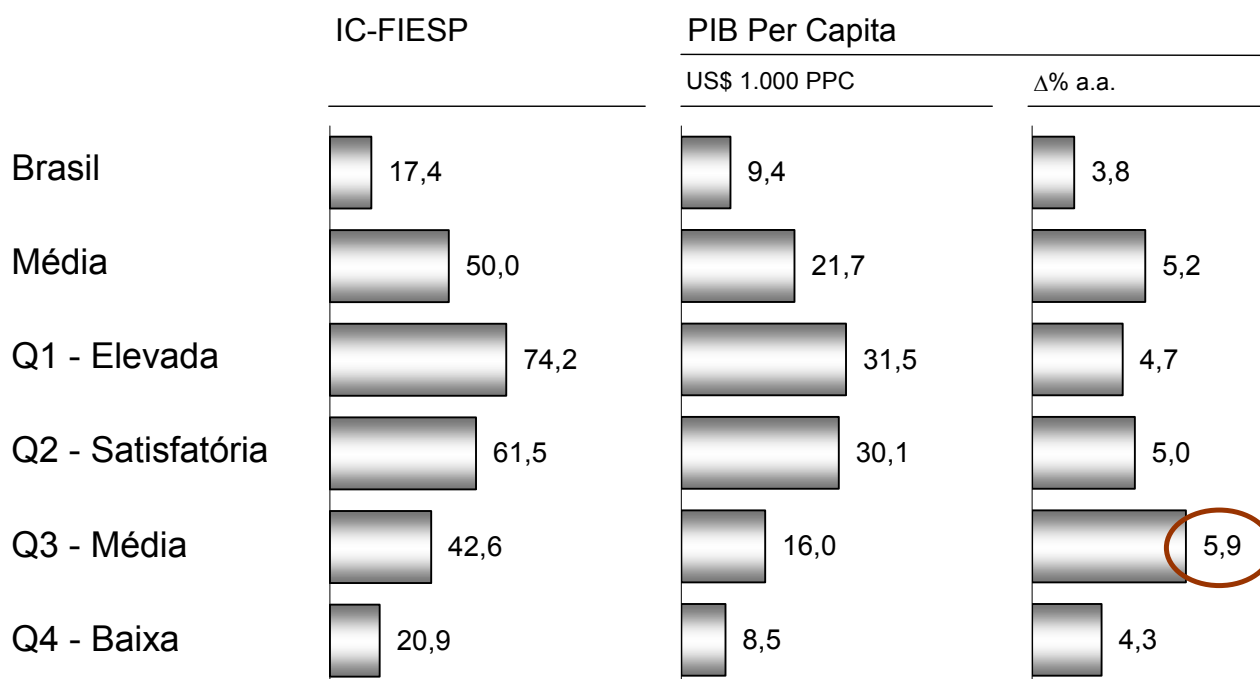
FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Ao plotarmos os países num gráfico de acordo com seus PIBs per capita e seus índices de competitividade percebemos que a relação entre o IC-FIESP e o PIB per capita nos países. Essa relação é representada no gráfico pela curva.
- ❑ Os valores do PIB per capita estão em Paridade do Poder de Compra – PPC –, que é uma taxa de câmbio calculada a partir dos valores obtidos em cada país para uma mesma cesta de bens e serviços.
- ❑ Gostaríamos de fazer observações análogas às do gráfico anterior, ou seja:
 1. Por um lado, países como o Brasil e a Itália apresentam um PIBs per capita maiores do que aqueles que corresponderiam às suas notas no IC. Isso reflete o estoque de fatores acumulados historicamente e que estão sendo consumidos para manter a renda.
 2. Por outro lado, países como a Índia e a China apresentam PIBs per capita menores do que aqueles que corresponderiam às suas respectivas notas. Como mostramos para o IDH, também aqui a competitividade que tem sido construída não se traduziu plenamente em PIB per capita.

COMPETITIVIDADE E PIB PER CAPITA - 2005



* Paridade de Poder de Compra - PPC - é a taxa de câmbio calculada a partir dos valores de uma mesma cesta de bens e serviços.
 Fonte: World Bank e FIESP; elaboração FIESP.

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ A correlação entre IC-FIESP e o PIB per capita também fica clara quando analisamos os quadrantes.

O QUARTIL UM (Q1) apresenta nota média no IC-FIESP de 74,2 e um PIB PER CAPITA de US\$ 31,5 mil em paridade de poder de compra.

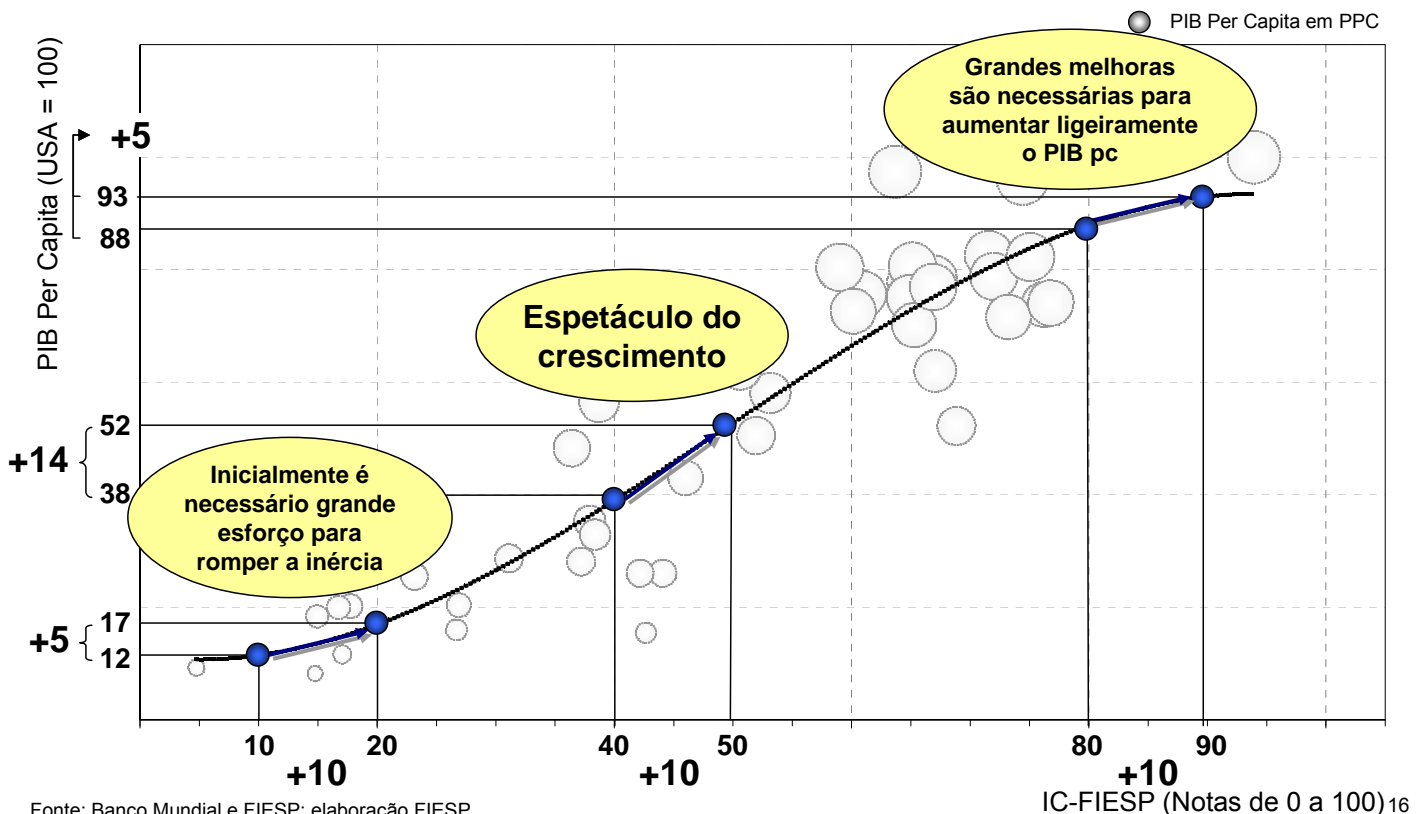
O QUARTIL QUATRO (Q4) apresenta nota média 20,9 e um PIB PER CAPITA de US\$ 8,5 mil em paridade de poder de compra.

- ❑ Notem que o Brasil, embora com nota no IC-FIESP menor que a média dos países de baixa competitividade, apresentava PIB per capita maior.

Conforme vimos anteriormente, a manutenção desse PIB per capita maior é feita com base nos ativos construídos no passado.

- ❑ É importante observar também que o crescimento do PIB per capita dos países do Q3 é em média maior do que os dos países do Q1 e do Q2, pois tratam-se de países em acelerado processo de desenvolvimento.

Evolução da Competitividade e do PIB Per Capita (PIB pc EUA = 100)



Fonte: Banco Mundial e FIESP; elaboração FIESP.

IC-FIESP (Notas de 0 a 100)¹⁶

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Vamos supor que o PIB per capita nos EUA seja igual a 100% e que o PIB de todos os demais países sejam uma percentagem desse total.
- ❑ Vimos que a curva ajustada mostra a relação entre a nota no IC-FIESP e o PIB per capita.
- ❑ Vejamos o que acontece quando um país com baixa competitividade, nota 10 no IC-FIESP, consegue fazer sua nota aumentar 10 pontos, ou seja, para vinte.

À nota 10 no IC-FIESP corresponde um PIB per capita em torno de 12% do PIB dos EUA.

Com o aumento de 10 pontos, a nota desse país vai para 20, à qual corresponde um PIB per capita de 17% do PIB dos EUA, um crescimento de 5 pontos percentuais.

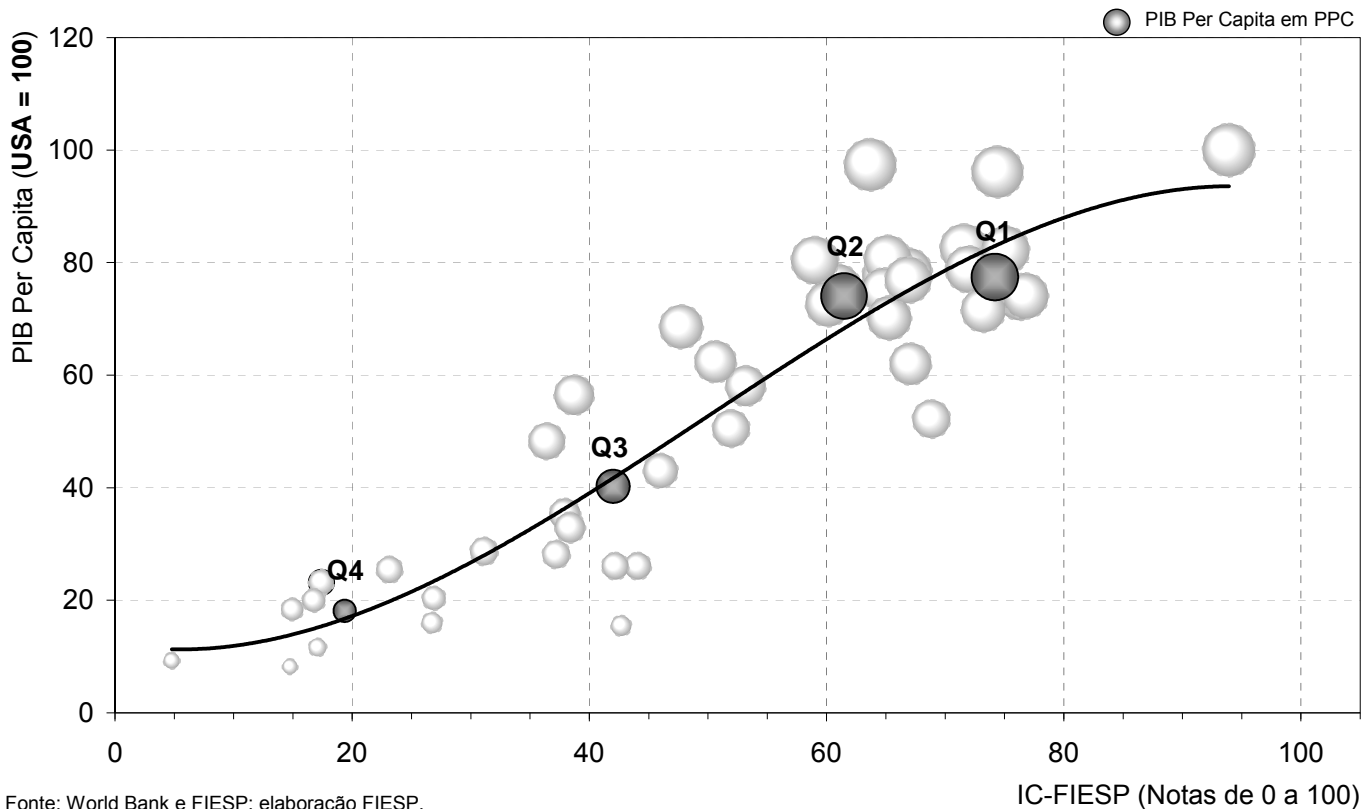
- ❑ Agora vejamos o que acontece com um país com competitividade média, digamos com nota 40 no IC-FIESP.

À nota 40 corresponde um PIB per capita de 38% do PIB dos EUA.

Com o aumento de 10 pontos, a nota deste país no IC-FIESP iria para 50, à qual corresponderia um PIB per capita de 52% do PIB dos EUA, ou seja, sua renda cresceria 14 pontos percentuais.

- ❑ Isso significa que, para um país com baixa competitividade crescer, é necessário um maior esforço em termos de competitividade.
- ❑ O rendimento passa a ser maior a partir de um momento e volta a ser menor quando o país já é competitivo, que é o caso do último exemplo (Δ IC = 10 leva a Δ PIB pc de 5 p.p.).

Evolução da Competitividade e do PIB Per Capita - 2000-05 (EUA =100)

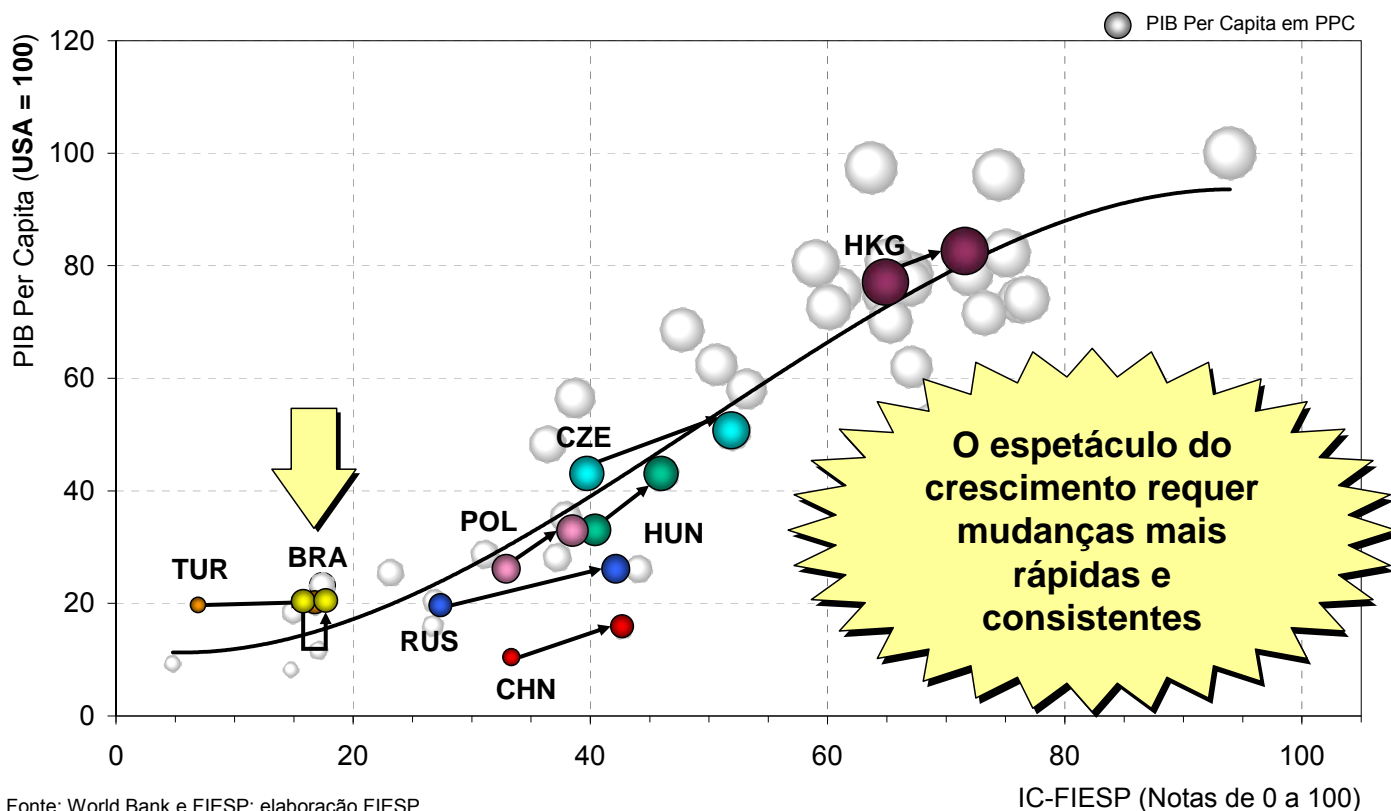


ANOTAÇÕES

- Como podemos observar, o Q4 (onde se localiza o Brasil) está na área onde é necessário realizar um grande esforço.
- O Q3 está na área de rápido crescimento, o que ajuda a explicar a maior variação do PIB per capita (em PPC), de 5,9% a.a., a maior entre os quadrantes.
- Q2 e especialmente Q1 são competitivos mas, para ampliar suas vantagens e o crescimento do PIB per capita, são necessárias grandes melhorias.

Na prática, isso significa que, se quisermos produzir um espetáculo do crescimento, precisamos fazer as reformas com rapidez e consistência.

Evolução da Competitividade e do PIB Per Capita - 2000-05 (EUA =100)



FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Uma coisa é teoria mas vamos ver o que isso significa na prática.
- ❑ Tomamos alguns dos países que apresentaram melhoras significativas no IC-FIESP entre 2000 e 2005, ou seja: Turquia, Rússia, Hungria, Polônia, República Tcheca, China e Hong Kong.
- ❑ Como podemos notar, o seu deslocamento nos últimos cinco anos tende a acompanhar a curva ajustada da qual falamos anteriormente.
- ❑ O Brasil conseguiu aumentar sua nota, é verdade, mas muito timidamente e o aumento da nossa riqueza corresponde ao esforço que fizemos. O que isso significa?
- ❑ SIGNIFICA QUE OS PAÍSES QUE ANTES APRESENTAVAM INDICADORES SEMELHANTES AOS NOSSOS ESTÃO NOS DEIXANDO PARA TRÁS E QUE TEMOS QUE NOS ESFORÇAR MUITO PARA ROMPER A INÉRCIA.
- ❑ É PRECISO FAZER AS REFORMAS QUE HÁ TANTO PROTELAMOS, COM RAPIDEZ E CONSISTÊNCIA PARA ATINGIRMOS O “ESPETÁCULO DO CRESCIMENTO”.

III. PERFORMANCE NO LONGO PRAZO

A troca de posição dos países no ranking se dá tanto pela performance de seus indicadores individuais quanto pela comparação relativa entre países

- **Os mais competitivos e os que mais crescem**
- **Quem perdeu posição (2000 / 2005)**
- **Quem ganhou posição (2000 / 2005)**
- **Brasil: Evolução da Competitividade**
- **Estratégia e fatores: Q1 e países selecionados**
- **Estratégia e fatores: Brasil**
- **Ambiente de negócios**
- **Saldo comercial**
- **Fatores determinantes de cada grupo vs. Brasil**

19

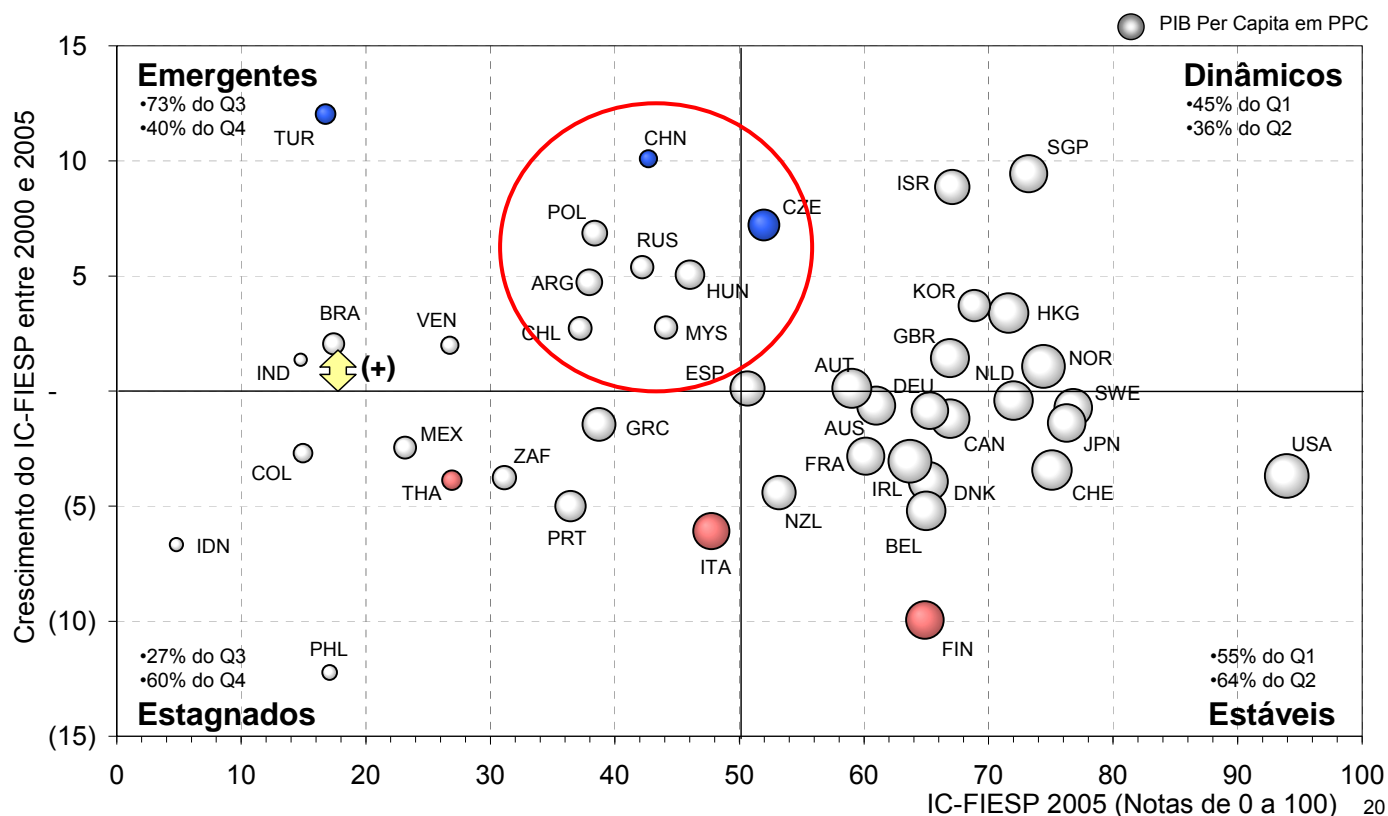
FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

ANOTAÇÕES

- ❑ **É importante avaliar a performance entre 2000 e 2005, a qual evidencia questões estruturais como veremos a seguir.**

FIESP Comparando a Competitividade com seu crescimento verificamos que o Brasil é emergente, mas ainda tem muito o que fazer para ser competitivo

COMPETITIVIDADE - 2005 vs. Variação 2000-2005



FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Analisando dinamicamente temos, no eixo horizontal, a competitividade em 2005 e, no eixo vertical, a variação da nota no IC-FIESP entre 2000 e 2005.
- ❑ Desta forma, os países se distribuem em quatro quadrantes:

No quadrante superior à esquerda, encontram-se os países EMERGENTES, ou seja, aqueles com COMPETITIVIDADE ABAIXO DA MÉDIA mas que foram capazes de MELHORAR sua nota no IC-FIESP entre 2000 e 2005. Nele temos China, Turquia e Brasil.

No quadrante superior à direita, encontram-se os países DINÂMICOS, ou seja, países COMPETITIVOS que conseguiram MELHORAR no IC-FIESP entre 2000 e 2005. Nesse quadrante temos, por exemplo, a Coreia e a República Tcheca.

No quadrante inferior à direita estão países estáveis que, embora COMPETITIVOS, apresentaram queda no IC-FIESP entre 2000 e 2005. Entre eles está a Finlândia.

Finalmente, no quadrante inferior à esquerda estão os países ESTAGNADOS que, além de apresentarem competitividade abaixo da média, tiveram piora na nota tais como Itália e Tailândia.

- ❑ O Brasil vem fazendo ajustes necessários, o que é positivo, mas tímidos frente aos que vêm fazendo outros países.
- ❑ Analisaremos a seguir os casos de Turquia, China e República Tcheca, cujas notas do IC-FIESP melhoraram significativamente entre 2000 e 2005 e os de Tailândia, Itália e Finlândia, cujas notas pioraram.

QUEM PERDEU COMPETITIVIDADE ENTRE 2000 E 2005

País	Causa
Finlândia	<ul style="list-style-type: none">• Sua produtividade cresceu menos que a de outros países, o mesmo acontecendo para as exportações líquidas de manufaturas e para a participação da alta tecnologia nas exportações.
Itália	<ul style="list-style-type: none">• Sua produtividade também cresceu menos que em outros países, o consumo do governo e as alíquotas de previdência paga por empregados e empregadores cresceu relativamente.
Tailândia	<ul style="list-style-type: none">• Apresentou aumento relativo da inflação e perdeu espaço na exportação líquida de manufaturas.

21

ANOTAÇÕES

INTRODUÇÃO

A concorrência internacional acirrou-se. Muitos países fizeram ou estão fazendo seu dever de casa e avançam sobre o mercado de países mais competitivos. O que explica a piora nas notas de Finlândia, Itália e Tailândia não é o que eles fizeram de errado. Fizeram mas menos do que seus concorrentes estão fazendo.

FINLÂNDIA

- A Finlândia, que no início da década apresentava vantagens em infra-estrutura, tecnologia, recursos humanos e abertura, apresentou queda no IC-FIESP entre 2000 e 2005 principalmente em quatro fatores infra-estrutura, empresarial, abertura e capital.
- A produtividade cresceu mais lentamente que em outros países. Segundo o Policy Brief da OCDE, a contribuição da cadeia de equipamentos de telecomunicação para o crescimento da produtividade e para o emprego na Finlândia vem sendo menor.
- O mesmo pode se dizer a respeito da queda no fator abertura, o qual refletiu a melhora de muitos países em aspectos tais como a participação das exportações de manufaturas no PIB (particularmente para os países do Q3) e a participação dos produtos high-tech nas exportações (importante para concorrentes como a China e a Coréia).

ANOTAÇÕES (cont.)

ITÁLIA

- A Itália, por sua vez, apresentava vantagens em: produtividade, infra-estrutura, recursos humanos e capital. Entre 2000 e 2005, perdeu competitividade em infra-estrutura, produtividade e governo.
- A produtividade cresceu em ritmo menor na Itália que em outros países.
- A queda em governo refletiu principalmente dois fatores o crescimento do consumo do governo e o relativo aumento das contribuições de empregados e empregadores. Também segundo a OCDE, o déficit e o endividamento públicos representavam um desafio para o governo italiano, o qual, apenas recentemente, adotou política fiscal mais austera.
- Também recentemente (julho de 2006), a Itália delineou uma estratégia para enfrentar as barreiras ao crescimento rápido [Documento di Programmazione Economica e Finanziaria]. A nova política enfoca três prioridades:
 - a) Desregulamentação/estímulo à concorrência [Bersani Decree].
 - b) Redução dos gastos visando sustentabilidade fiscal
 - c) Desenvolvimento do federalismo fiscal.

TAILÂNDIA

- A Tailândia, que no início da década apresentava vantagens em economia doméstica, abertura, governo e recursos humanos, piorou em economia doméstica, abertura e infra-estrutura.
- Em termos de economia doméstica, houve aumento da inflação num momento em que esta caía para a maioria dos países.
- O fator abertura piorou em função da ampliação do déficit em combustíveis e da queda da exportação líquida de manufaturas

QUEM GANHOU COMPETITIVIDADE ENTRE 2000 E 2005

País	Causa
Turquia	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentou redução de inflação, juros e o risco do sistema financeiro; recebeu grande aporte de investimento direto estrangeiro
República Tcheca	<ul style="list-style-type: none"> • Aumentou significativamente o saldo em manufaturas e a participação de alta tecnologia nas exportações; realizou avanços em infra-estrutura; e aumentou a produtividade da indústria e em serviços
China	<ul style="list-style-type: none"> • Elevou o investimento (FBCF); melhorou sua infra-estrutura de transportes; aumentou os gastos em P&D e obteve aumento do número de patentes de residentes e não residentes.

23

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 070831.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

INTRODUÇÃO

O caso mais conhecido é o da China. Já República Tcheca e Turquia, embora muito diferentes entre si, procuram ajustar-se para integrarem-se à União Européia.

TURQUIA

- A Turquia ganhou principalmente em capital e economia doméstica.
- A melhora na economia doméstica deveu-se aos ajustes realizados visando o ingresso na União Européia. A inflação caiu significativamente e, em contrapartida, houve aumento do investimento direto estrangeiro – IDE. A poupança doméstica também cresceu mas a formação bruta de capital fixo cresceu apenas a partir de 2004.
- A melhora no fator capital resultou da queda significativa da taxa de juros para depósito, a qual era consideravelmente maior que a brasileira e, em 2005, já era menor do que a nossa em termos reais: 11,3% aa (contra 11,5% do Brasil), além da redução do risco do sistema financeiro, que chegou a ser melhor que o do Brasil em 2003, e a manutenção do spread bancário em níveis internacionalmente baixos em 2005, aproximadamente 2,2%.

Em termos nominais, os juros para depósito, que giravam em torno de 80% a.a. em fins dos anos 90, caíram para cerca de 20% a.a. em 2005 em função do ajuste. Somado ao spread de 2,2% levava a juros de curto prazo de 22,2% a.a.

Lembrem-se que, em 2005, a média dos juros para depósito no Brasil foi de 19,1% a.a. e que o spread bancário estava em torno de 28,4%. Portanto, os juros de curto prazo no Brasil estava em 47,5% a.a. em 2005.

ANOTAÇÕES

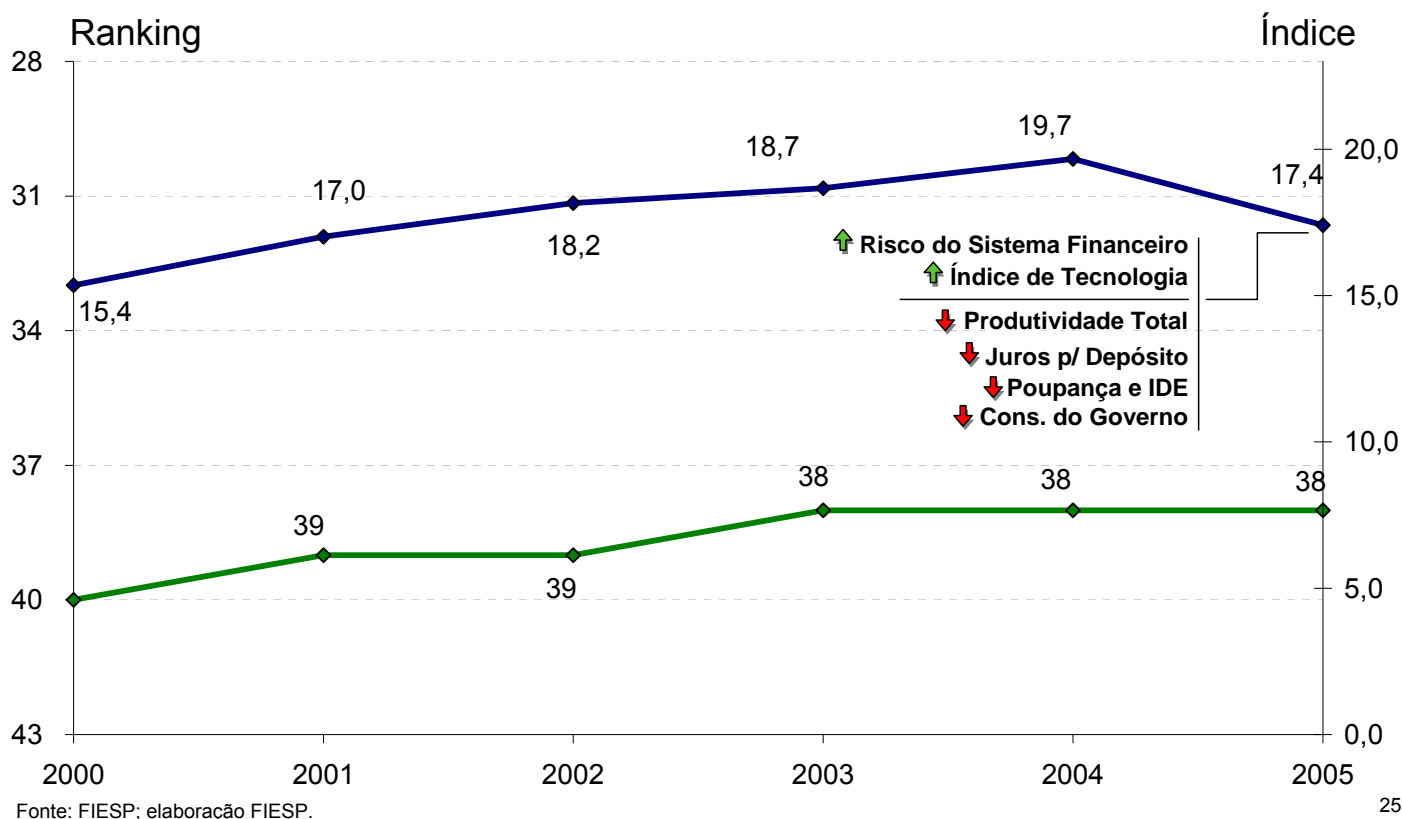
REPÚBLICA TCHECA

1. A República Tcheca, que no início da década era forte principalmente em infra-estrutura, recursos humanos e economia doméstica, implementou reformas para ajustar-se às exigências impostas para o seu ingresso na União Européia.
2. Entre 2000 e 2005, apresentou melhora significativa em fatores como infra-estrutura, produtividade e abertura.
3. A infra-estrutura tcheca melhorou principalmente em termos de comunicações.
4. Em termos empresariais, houve aumento da produtividade principalmente no setor de serviços e na indústria.
5. A melhora no fator abertura deveu-se ao aumento das exportações líquidas de manufaturados e o aumento da participação de produtos high-tech nas exportações.
6. Em 2005, o governo tcheco definiu cinco prioridades para o aumento da competitividade (“Estratégia para o Crescimento Econômico”): melhorar o ambiente institucional, ampliar as fontes de financiamento, melhorar a infra-estrutura, desenvolver os recursos humanos (educação e emprego) e alavancar as áreas de pesquisa, desenvolvimento e inovação
7. Já a política de inovação tcheca encoraja a pesquisa no setor privado e pesquisa em instituições públicas orientada para o mercado.

CHINA

1. A China, que já apresentava vantagens em economia doméstica, capital, governo e abertura, melhorou principalmente em economia doméstica, tecnologia e produtividade.
2. Em termos de economia doméstica, aumentou ainda mais a formação bruta de capital fixo.
3. Em tecnologia, aumentou os gastos em P&D e a exportação de serviços tecnológicos. Mostrou também melhora no índice de tecnologia do BID.
4. É importante frisar que há muito os gastos em P&D da China ultrapassaram os do Brasil e que tanto as patentes de não residentes quanto as patentes de residentes decolaram na China. Nesse último aspecto aproximou-se de EUA, Japão e Coréia, líderes mundiais.
5. Finalmente, a produtividade na China aumentou tanto em serviços quanto na indústria.

IC-FIESP - Evolução da Competitividade 2000 a 2005



FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ A despeito de uma pequena melhora recente, temos uma posição desfavorável no ranking de competitividade.
- ❑ Ajustes macroeconômicos, o comércio internacional, além de investimentos em tecnologia e em saúde (principalmente pelo setor público) geram uma leve tendência de crescimento nos últimos cinco anos.
- ❑ Porém, em 2005, esse quadro sofreu algumas alterações:
 - Juros p/ Depósito (Selic): subiu de 16,2% ao ano em 2004 para 19,1 % em 2005;
 - Poupança Doméstica Bruta: caiu de 18,5% do PIB para 17,1%;
 - Investimento Direto Estrangeiro Líquido (IDE): caiu de 2,7 % do PIB para 1,7%
 - Carga Tributária: subiu de 33,5% do PIB para 34,1% (e continuou crescendo em 2006 para 35,2% do PIB);
 - Consumo do Governo: subiu de 19,2% do PIB para 20,1%
- ❑ Apesar disso, os indicadores de tecnologia (escolaridade, patentes, estudantes de engenharia e ciências, telefones fixos e celulares) têm mostrado avanços, assim como também os indicadores de risco financeiro.

Quais países são mais competitivos? Quais países mantiveram ou melhoraram suas posições no Ranking entre 2000 e 2005?

GRUPOS - Composição

Q1 – Países Competitivos

- Estados Unidos
- Suécia
- Japão
- Suíça
- Noruega
- Cingapura
- Holanda
- Hong Kong
- Coreia do Sul
- Israel
- Canadá

Países Selecionados*

- Coreia do Sul (Q1)
- República Tcheca (Q2)
- Hungria (Q3)
- Malásia (Q3)
- China (Q3)
- Rússia (Q3)
- Polônia (Q3)
- Argentina (Q3)
- Chile (Q3)
- Turquia (Q4)
- Índia (Q4)

* Países que apresentaram rápido crescimento da competitividade no período analisado.

26

ANOTAÇÕES

- Dentro do longo prazo, vamos comparar o Brasil com os países mais competitivos e com países selecionados que apresentaram rápido crescimento da Competitividade entre 2000 e 2005, os quais, em sua maioria, pertencem ao Q3 e estão na fase do “Espetáculo do Crescimento”.

PAÍSES COMPETITIVOS – Q1

Estratégia

Elevada e crescente produtividade industrial e de serviços

Investimento alto em P&D associado a um nível excelente de Recursos Humanos, elevando o potencial tecnológico

Ambiente favorável ao investimento com baixas taxas de juros e spread e baixo risco financeiro

Principais Fatores de Competitividade

Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> • Elevados gastos em P&D concentrando no bloco o potencial inovador; • Alta e crescente participação de produtos de alta intensidade tecnológica na pauta de exportações;
Produtividade	<ul style="list-style-type: none"> • Alta e crescente; destacam-se os setores de serviços e a indústria ;
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Melhores IDH's e analfabetismo praticamente inexistente; • Gastos sociais muito elevados;
Ambiente de Negócios	<ul style="list-style-type: none"> • Estável e com redução de custos: juros e carga tributária;
Comércio Internacional	<ul style="list-style-type: none"> • Saldo da balança comercial baseado quase integralmente em manufaturas; elevada tecnologia dos bens exportados;
Sistema Financeiro	<ul style="list-style-type: none"> • Poucas restrições, baixo risco e crescente intensidade;

27

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- Ao investigarmos mais detidamente a evolução dos dados observamos que os grupos de países adotaram diferentes estratégias:
-
- Os países do Q1 mantêm o que já construíram e cresceram com base em na indústria e nos serviços:
 1. Manutenção da liderança em produtividade com ênfase na indústria e em serviços;
 2. Ampliação do esforço em educação, com elevados gastos sociais, P&D (gastam em média 2,6% do PIB em 2005) e inovação;
 3. Manutenção da infra-estrutura física e de negócios, ampliando o acesso ao crédito e reduzindo seu custo (os juros p/ depósito* caíram de 4,4% em 2000 para 1,7% aa em 2005, sendo acompanhado pelos juros p/ empréstimo).

(*) Juros p/ depósito nominal. Os juros reais caíram de 3,0% aa em 2000 para 0,3% aa em 2005.

Um ambiente de investimentos favorável foi determinante para os “países selecionados” reduzirem o hiato para os mais competitivos

PAÍSES SELECIONADOS

Estratégia

Ambiente de investimentos muito favorável: juros decrescentes e baixo spread

Setor industrial em crescimento elevado e constante

Altas taxas de investimento e gastos sociais crescentes

Aumento da participação da alta tecnologia e maior valor agregado nas exportações

Principais Fatores de Competitividade

Produtividade	<ul style="list-style-type: none"> • Crescimento da produtividade total e industrial acima da taxa média mundial, reduzindo diferença em relação aos mais competitivos;
Ambiente de Negócios	<ul style="list-style-type: none"> • Redução nos juros e spread baixo incentivam o crédito; • Manutenção do Investimento acima do Q1;
Comércio Internacional	<ul style="list-style-type: none"> • Crescimento do saldo das exportações de alto valor agregado e de alta tecnologia;
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção por um período longo de gastos sociais elevados, com melhoria no IDH, escolaridade, alfabetização etc;
Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> • Esforço em P&D ainda bem menor que Q1, mas crescente; • Participação dos bens de alta tecnologia nas exportações próxima à dos mais desenvolvidos;

28

ANOTAÇÕES

- Os países selecionados adotaram estratégia de industrialização voltada para a exportação de bens manufaturados e de investimentos sociais para reduzir o hiato em recursos humanos:
 1. Rápida industrialização, atração de IDE e estímulos à exportação;
 2. Desenvolvimento em infra-estrutura física e do ambiente de negócios (os juros nominais para depósito caíram de 11% aa em 2000 para 5,1% aa em 2005, sendo que os juros reais p/depósito são muito baixos: 0,3% aa na média de 2005);
 3. Investimento e gastos sociais, particularmente em educação, resultando em avanços significativos nesses cinco anos (o analfabetismo caiu de 8,8% dos adultos na média de 2000 para 7,4% na de 2005 e a mortalidade infantil caiu de 20,2 por mil nascidos vivos em 2000 para 15,8 em 2005);
 4. Esforços crescentes em inovação, aumentando seus gastos em P&D de 0,9% do PIB para 1,2% em média entre 2000 e 2005.

O Brasil apresentou ganho de competitividade um pouco acima da média, mas sem um projeto claro de desenvolvimento.

BRASIL

Estratégia

Saldo comercial crescente baseado em commodities.

Mais longo programa de ajuste do mundo, com redução da inflação por meio de aumento de juros.

Principais Fatores de Competitividade

Comércio Internacional	<ul style="list-style-type: none"> Principal alavanca da competitividade brasileira. Melhores resultados comerciais principalmente devido à exportação de commodities agrícolas;
Produtividade	<ul style="list-style-type: none"> Ficou praticamente estagnada nos últimos anos enquanto a dos países mais competitivos cresceu, aumentando, assim, o “gap” para esses países.
Recursos Humanos	<ul style="list-style-type: none"> Gastos ineficientes em saúde e educação, onde os gastos são baixos e o resultado é ainda pior;
Tecnologia	<ul style="list-style-type: none"> Esforço em P&D superior ao de seus pares (Q4), porém, muito baixo (inferior a 1% do PIB);
Ambiente de negócios	<ul style="list-style-type: none"> Principal âncora da nossa competitividade: das maiores taxas de juros e spread do mundo, restringindo o crédito e, assim, o investimento.

29

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

O Brasil teve como principal alavanca do crescimento o Comércio Internacional: nossas exportações, que superaram significativamente as importações, são baseadas em commodities agrícolas.

O saldo em commodities agrícolas não é resultado apenas das vantagens naturais ou do aumento de seus preços no mercado internacional.

Há que se reconhecer, por exemplo, que os resultados na soja refletem os investimentos em P&D feitos pela EMBRAPA nas últimas décadas, os quais permitiram que seja plantada de norte a sul do país.

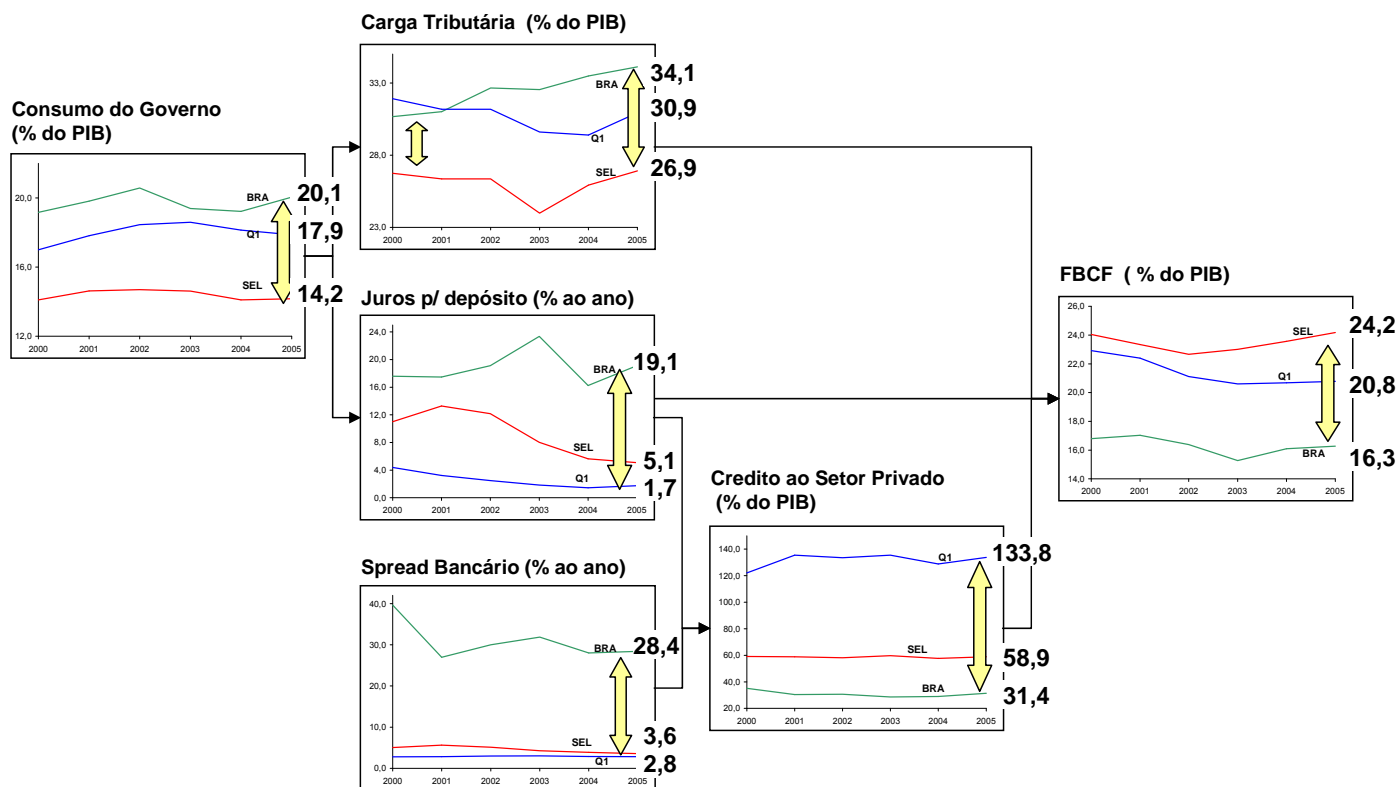
O melhoramento genético também foi fundamental para a produtividade da indústria de celulose e papel e de açúcar e álcool.

Quando o Brasil faz escolhas de longo prazo, obtém resultados positivos.

Também do ponto de vista do ambiente de negócios, tivemos avanços. Juros e spread caíram. Entretanto, ainda são os maiores do mundo e são incomparáveis aos dos competitivos e de elevado crescimento. A carga tributária crescente drena recursos que, de outra forma, poderiam ser investidos na modernização do parque produtivo.

Portanto, precisamos fazer as reformas necessárias para, de uma vez por todas, nos concentrarmos na agenda de desenvolvimento do capital humano e de inovação que nos levará a um novo patamar de competitividade e desenvolvimento.

AMBIENTE DE NEGÓCIOS



FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

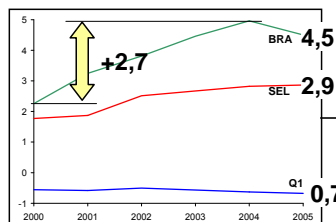
- ❑ O alto e crescente consumo do governo implicam em alta e crescente carga tributária e em juros para depósito também altos.
- ❑ Aliado a isso, o spread bancário manteve-se absurdamente alto num período em que caia para a maioria dos países.
- ❑ Os juros para depósitos e o spread bancário ajudam a explicar porque o crédito ao setor privado é tão pequeno no Brasil quando comparado aos dos países do Q1 e aos dos países selecionados.
- ❑ Carga e juros altos e crédito baixo ajudam a explicar, por sua vez, a baixa taxa de investimento da economia brasileira.

Investimento (FBCF) em % do PIB - 2005

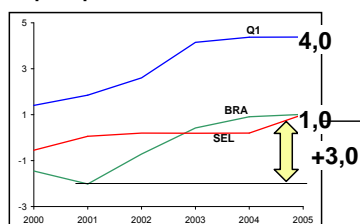
Estados Unidos	19,53	Coréia do Sul	29,27
Suécia	17,23	República Tcheca	24,94
Japão	23,13	Hungria	22,75
Suíça	21,45	Malásia	19,98
Noruega	18,72	China	41,49
Cingapura	21,81	Rússia	18,18
Holanda	19,32	Polônia	18,19
Hong Kong	20,92	Argentina	21,46
Coréia do Sul	29,27	Chile	22,13
Israel	16,83	Turquia	19,56
Canadá	20,46	Índia	28,05

COMÉRCIO INTERNACIONAL (% do PIB)

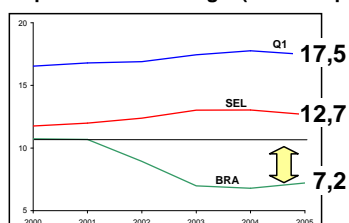
Exp. Líquidas de Commodities*



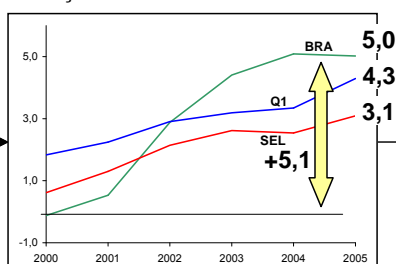
Exp. Líquidas de Manufaturas



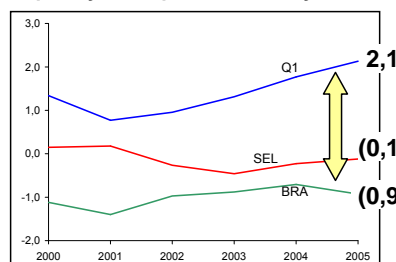
Exp. de Alta Tecnologia (% das Exp.)



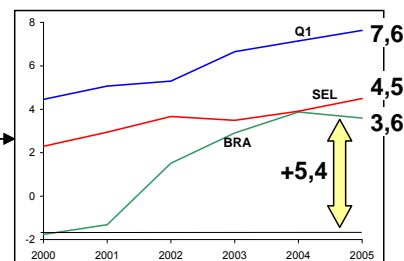
Balança Comercial



Exportações Líquidas de Serviços



Exp. Líquidas de Bens e Serviços



Entre 2004 e 2005, a valorização do Real superou a valorização média das moedas de quase todos os quartis exceto a do Q2.

* Compreende alimentos, matérias-primas agrícolas e minérios.

Fonte: Banco Mundial, FMI e IBGE; elaboração FIESP.

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

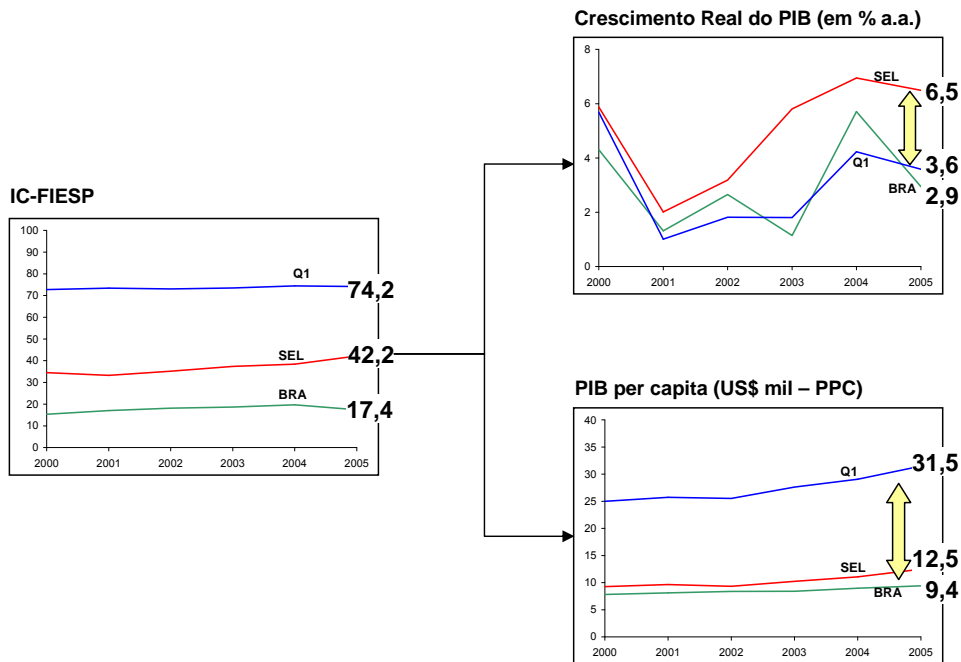
ANOTAÇÕES

- ❑ As nossas exportações líquidas de commodities cresceram rapidamente entre 2000 e 2005, superando em muito as dos países competitivos e dos países selecionados.
- ❑ As exportações líquidas de manufaturas brasileiras cresceram ainda mais e chegaram a superar a média dos países selecionados mas seu crescimento desacelerou-se e fomos novamente alcançados.
- ❑ Devemos notar que houve queda na participação dos produtos de alta tecnologia apenas na nossa pauta de exportações, não se verificando o mesmo tanto nos países competitivos quanto nos países selecionados.
- ❑ De qualquer modo, o saldo da balança comercial brasileira decolou abruptamente a partir de 2002 e estabilizou-se a partir de 2004.
- ❑ Por outro lado, as nossas exportações líquidas de serviços, a qual cresceu a partir também de 2001, caiu em 2005, num momento em que crescia tanto para os países competitivos quanto para os países selecionados.
- ❑ No computo geral, o gap entre as exportações líquidas de bens e serviços do Brasil em relação aos países selecionados, o qual fora zerado em 2004, voltou a existir.

Deixamos de acompanhar o crescimento tanto do Q1 quanto dos países selecionados.

- ❑ Em parte isso se deveu à valorização cambial.

EM RESUMO



Fonte: Banco Mundial, IBGE e FIESP; elaboração FIESP.

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 070831.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Em suma, a competitividade dos países seleccionados avança rumo à dos países competitivos e nós ficamos para trás.
- ❑ Isso implica num crescimento mais acelerado dos países seleccionados e, conseqüentemente, na redução do gap de PIB per capita em relação aos países competitivos.
- ❑ As baixas taxas de crescimento do Brasil não têm permitido a redução da diferença do PIB per capita em relação aos países competitivos (Q1), assim como tem sido feito pelos “países seleccionados”.

GRUPOS – Situação em 2005

	Q1 – Países Competitivos	Países Selecionados	Brasil
Fatores	++ Tecnologia	+ Econ. Doméstica	+ Comércio Int'l.
	++ Infra-estrutura	+ Governo	(-) Governo
	++ Rec. Humanos	+ Comércio Int'l.	(-) Econ. Doméstica
	+ Produtividade	(-) Capital	(-) Infra-estrutura
	+ Capital	(-) Rec. Humanos	(-)(-) Tecnologia
	+ Econ. Doméstica	(-) Produtividade	(-)(-) Rec. Humanos
	+ Comércio Int'l.	(-) Infra-estrutura	(-)(-) Produtividade
	+ Governo	(-) Tecnologia	(-)(-) Capital

33

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- Os principais determinantes da competitividade
- 1. Naturalmente, no Q1 destacam-se positivamente tecnologia, infra-estrutura e recursos humanos;
- 2. Nos países selecionados são positivos os fatores Economia Doméstica, Governo e Comércio Internacional, sendo os demais negativos;
- 3. No Brasil, apenas o fator Comércio Internacional é positivo. Destacam-se negativamente Tecnologia, Recursos Humanos, Produtividade e Capital.

IV. PERFORMANCE NO CURTO PRAZO

Analisaremos os indicadores mais importantes para a competitividade do Brasil, os quais correspondem a cerca 25% dos 83 utilizados pelo IC.

34

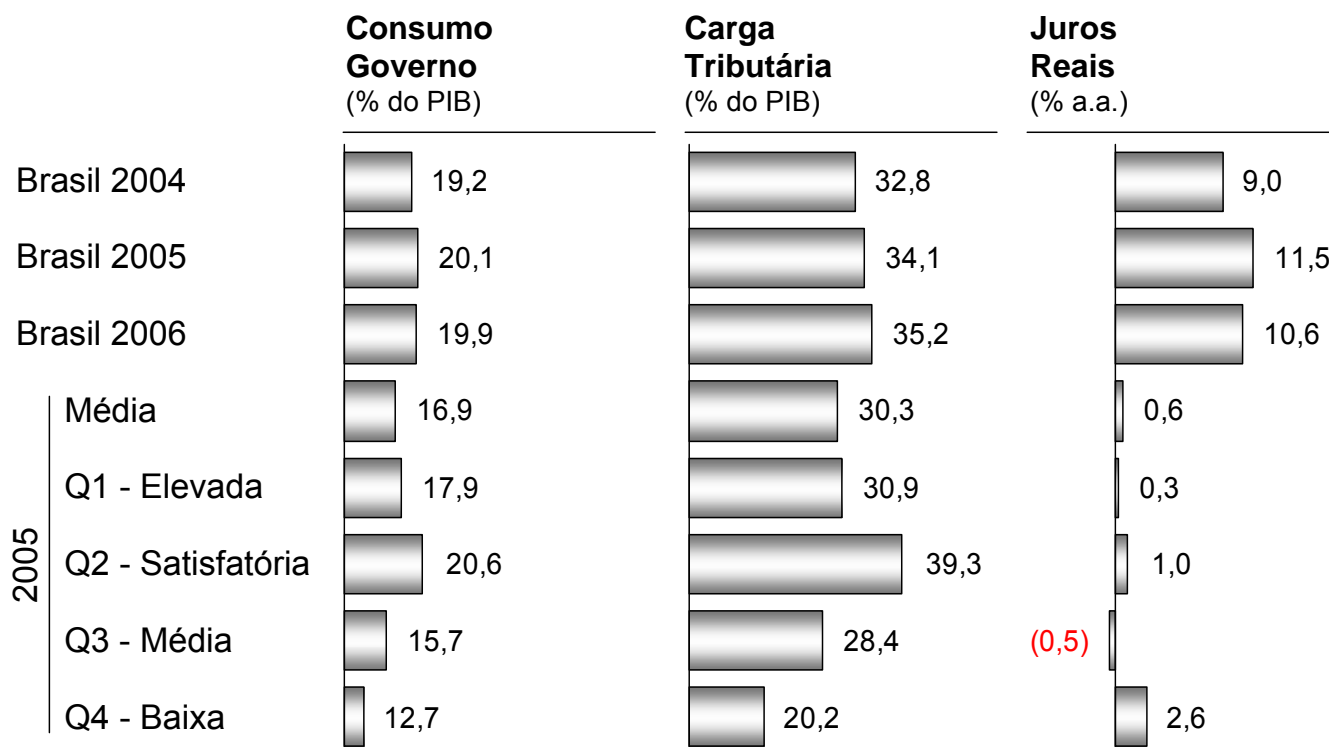
FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- Vamos analisar agora a performance de CURTO PRAZO comparando os dados de 2005 do Brasil com a média mundial e a média de cada quadrante.
- Para o Brasil incluímos também os dados de 2006 quando disponíveis.

GOVERNO



Fonte: IMD, FMI, Banco Mundial, BCB, IBPT e IBGE; elaboração FIESP.

35

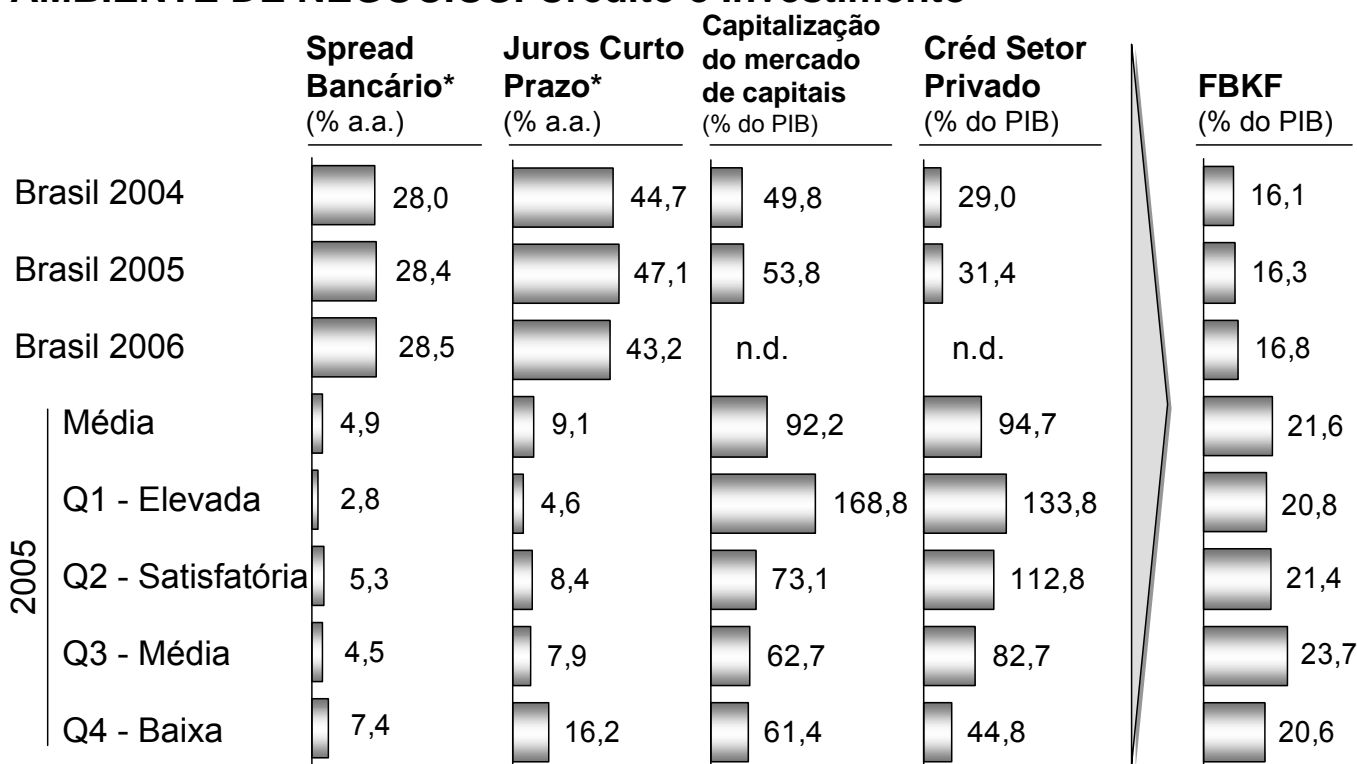
FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ O Consumo do Governo foi relativamente alto em 2005, 20,1% do PIB, o que só não é maior que a média do Q2, 20,6% do PIB.
- ❑ Para se financiar o governo aumenta a carga tributária.
No primeiro semestre de 2007, segundo o IBPT, ela foi de 36,4% do PIB ante 35,6% no mesmo período de 2006.
- ❑ Como o governo gasta mais do que arrecada, necessita se financiar tomando recursos, o que, somado a outros problemas estruturais da nossa economia, torna nossos juros reais dos mais altos do mundo (10,6% a.a. em 2006)

AMBIENTE DE NEGÓCIOS: Crédito e Investimento



* O Brasil apresenta a maior taxa de juros de curto prazo e o maior spread do mundo.
Fonte: BCB, Banco Mundial e FMI; elaboração FIESP.

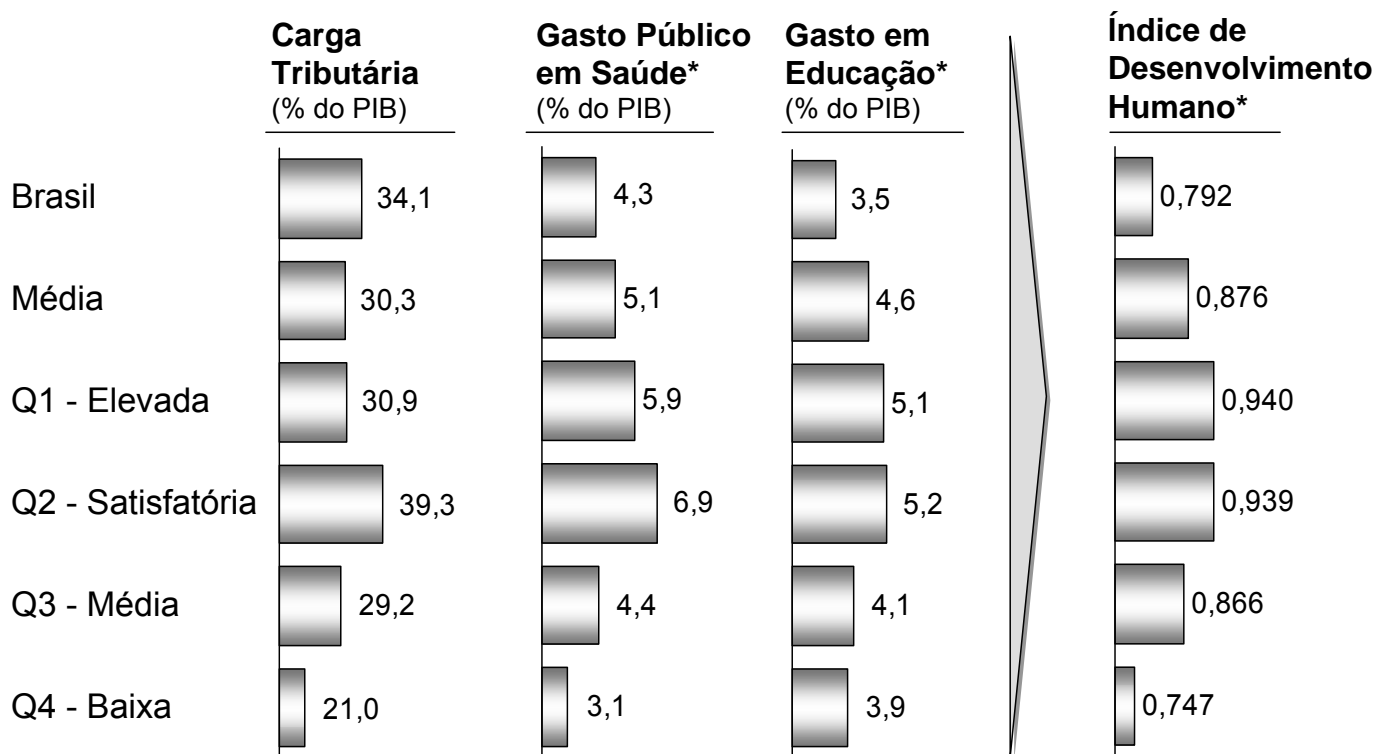
36

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

ANOTAÇÕES

- ❑ O spread no Brasil, que em 2005 girava em torno de 28,4%, é incomparavelmente maior que a média de todos os países. É maior que a média de cada grupo de países.
- ❑ A soma do spread aos juros para depósitos, levam aos maiores juros de curto prazo da amostra, ou seja, 47,1% a.a. em 2005. Os países com baixa competitividade apresentam juros de curto prazo menores que a metade dos juros verificados para o Brasil.
- ❑ A capitalização, por sua vez, é menor que a média de todos os países e também é menor que a média em cada grupo de países. A capitalização do mercado de capitais representava 53,8% do PIB em 2005. A média dos 43 países era de 92,2% do PIB e a dos países com baixa competitividade, 61,4% do PIB.
- ❑ O mesmo ocorre com o crédito que, no Brasil girava em torno de 31,4% do PIB em 2005. A média de todos os países era mais que o triplo, 94,7% do PIB, e mesmo nos países com baixa competitividade, 44,8% do PIB.
- ❑ Claramente os juros altos inibem o crédito, oferecem um custo de oportunidade muito grande à capitalização e, conseqüentemente, acabam restringindo também o investimento (FBCF).
- ❑ Países como a China, Irlanda e Índia apresentam um ambiente de negócios diametralmente oposto ao que enfrentamos:

GOVERNO E DESENVOLVIMENTO HUMANO - 2005



*Referente ao ano de 2004

Fonte: Banco Mundial e PNUD; elaboração FIESP.

37

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 070831.ppt

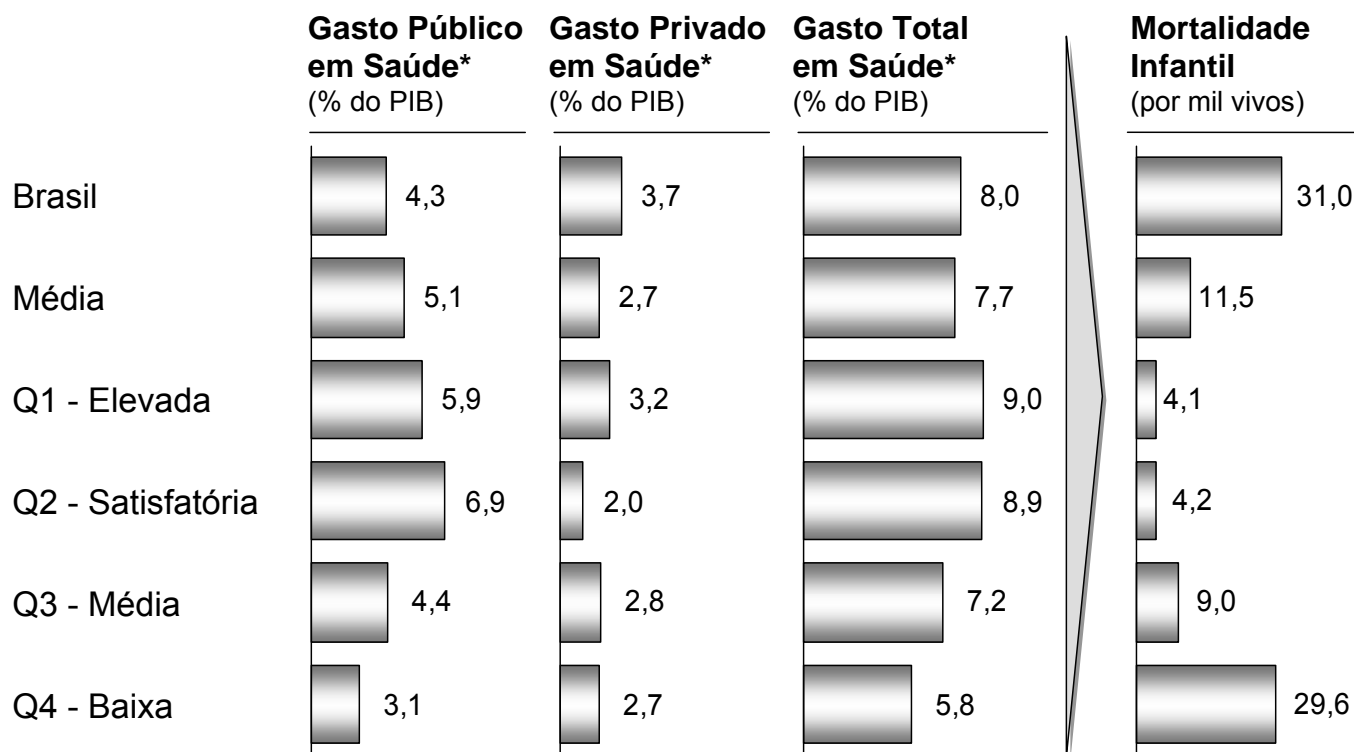
RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ A carga tributária brasileira só é menor que a do Q2 onde estão países tais como Dinamarca, Finlândia, França e Alemanha.
- ❑ O gasto em saúde só supera a média do Q4.
- ❑ O gasto em educação é menor do que as médias de todos os quadrantes e, mesmo entre os países menos competitivos, somente supera os das Filipinas e da Indonésia.
- ❑ Em resumo: Carga Tributária de países competitivos, mas gastos em saúde e educação e, conseqüentemente, Desenvolvimento Humano de países de baixa competitividade.

(*) Até a publicação do IC-FIESP não haviam sido divulgados os gastos em Educação para maior parte dos países (Unesco), em Saúde (OMS) e o IDH (PNUD).

SAÚDE - 2005



* Referente ao ano de 2004

Fonte: Banco Mundial, OMS e CIA; elaboração FIESP.

38

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

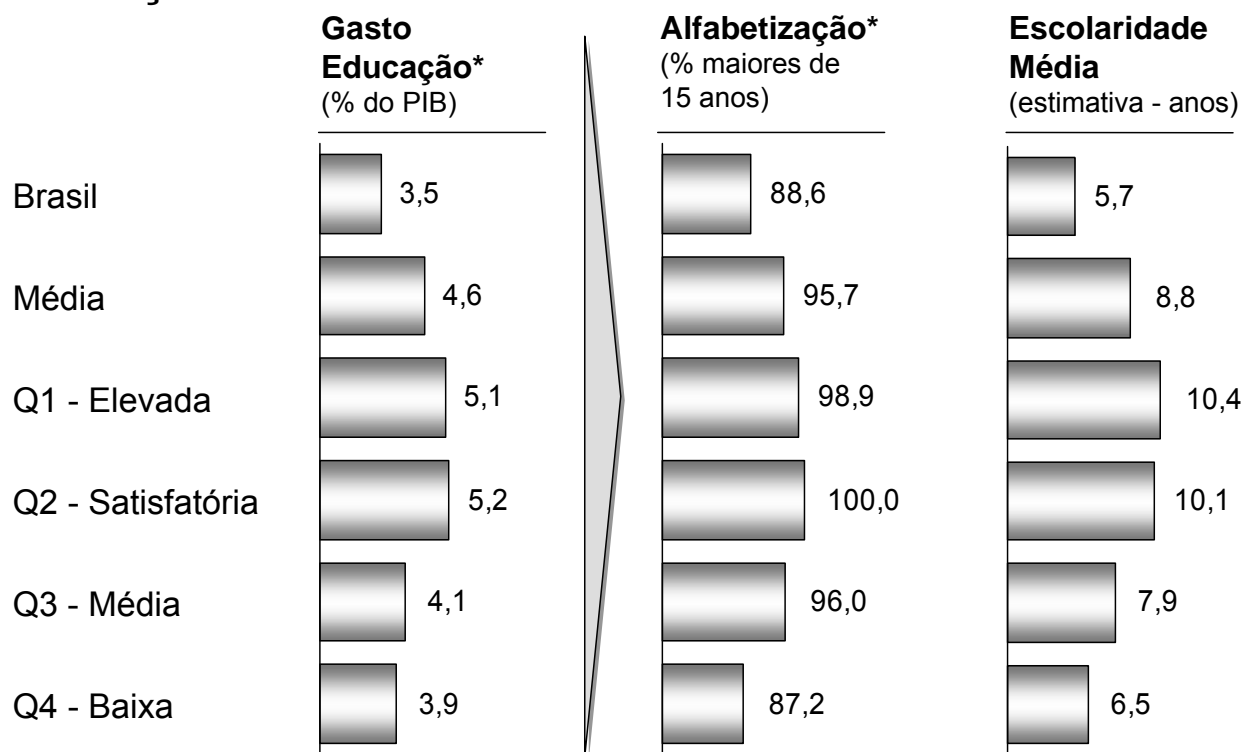
RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- O gasto público em saúde no Brasil é maior que a média do gasto nos países do Q4, em que temos países como Índia e Filipinas, e ligeiramente menor que a média dos países do Q3.
- O gasto privado em saúde, no entanto, é maior que a média dos 43 países e as médias de todos os quartis.
- Quando somamos o gasto público e o gasto privado, observamos que o Brasil ultrapassa a média dos 43 países e somente fica atrás das médias do Q1 e do Q2.
- Infelizmente, embora grande, o esforço tem sido insuficiente pois, como podemos observar, por exemplo, a mortalidade infantil no Brasil é quase três vezes maior que a média dos 43 países e supera até mesmo a média dos países de baixa competitividade, Q4.

Só não é pior que Índia e África do Sul.

EDUCAÇÃO - 2005



* Referente ao ano de 2004

Fonte: Banco Mundial e PNUD; elaboração FIESP.

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ No Brasil, o gasto em educação, em % do PIB, caiu continuamente desde 2003 e é menor que as médias de todos os quadrantes.

Entre os países do Q4 só não é menor que os de Filipinas e Indonésia.

- ❑ Talvez por isso, a taxa de alfabetização venha crescendo lentamente. Entretanto, a alfabetização no Brasil é apenas ligeiramente maior que a média do Q4, no qual estamos acima apenas de África do Sul, Turquia e Índia.

- ❑ A escolaridade média*, que também vem crescendo lenta mas continuamente desde o início de nossa séries (1997), é menor que as médias de todos os quadrantes. No nosso quadrante, por exemplo, estamos melhor apenas que Colômbia, Índia e Indonésia.

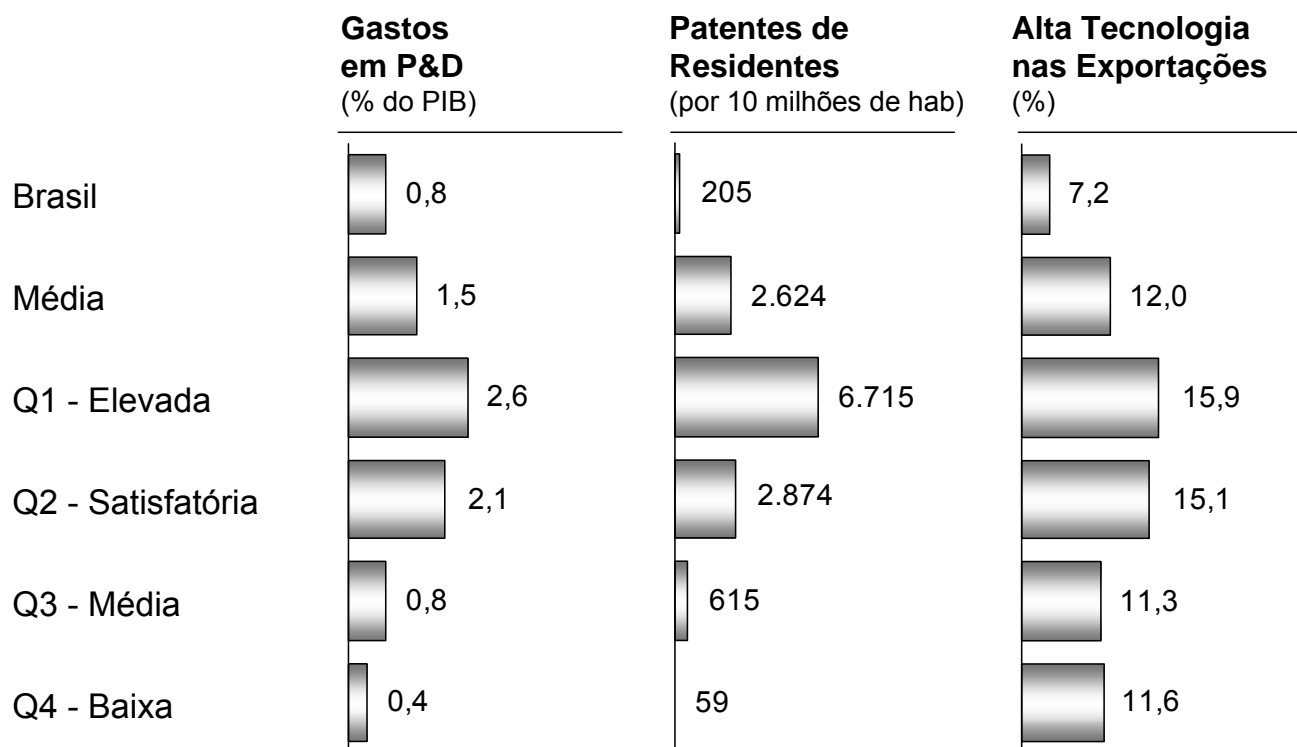
- ❑ Outro ponto negativo da nossa educação é a qualidade do ensino.

Com base no Programa Internacional para Avaliação de Alunos – PISA – da OCDE, observamos que o Brasil está entre os últimos colocados entre os 31 países que também estão na amostra do IC-FIESP.

Apesar de estarem melhor do que os mexicanos e os tailandeses na prova de Leitura, os alunos brasileiros são os com pior resultado na prova de Matemática. (vide anexo)

(*) A escolaridade é calculada somente de dez em dez anos; a última foi em 2000. Porém, o DECOMTEC/FIESP a estimou para os países do IC.

TECNOLOGIA - 2005



Fonte: Banco Mundial, WIPO e WITS; elaboração FIESP.

40

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

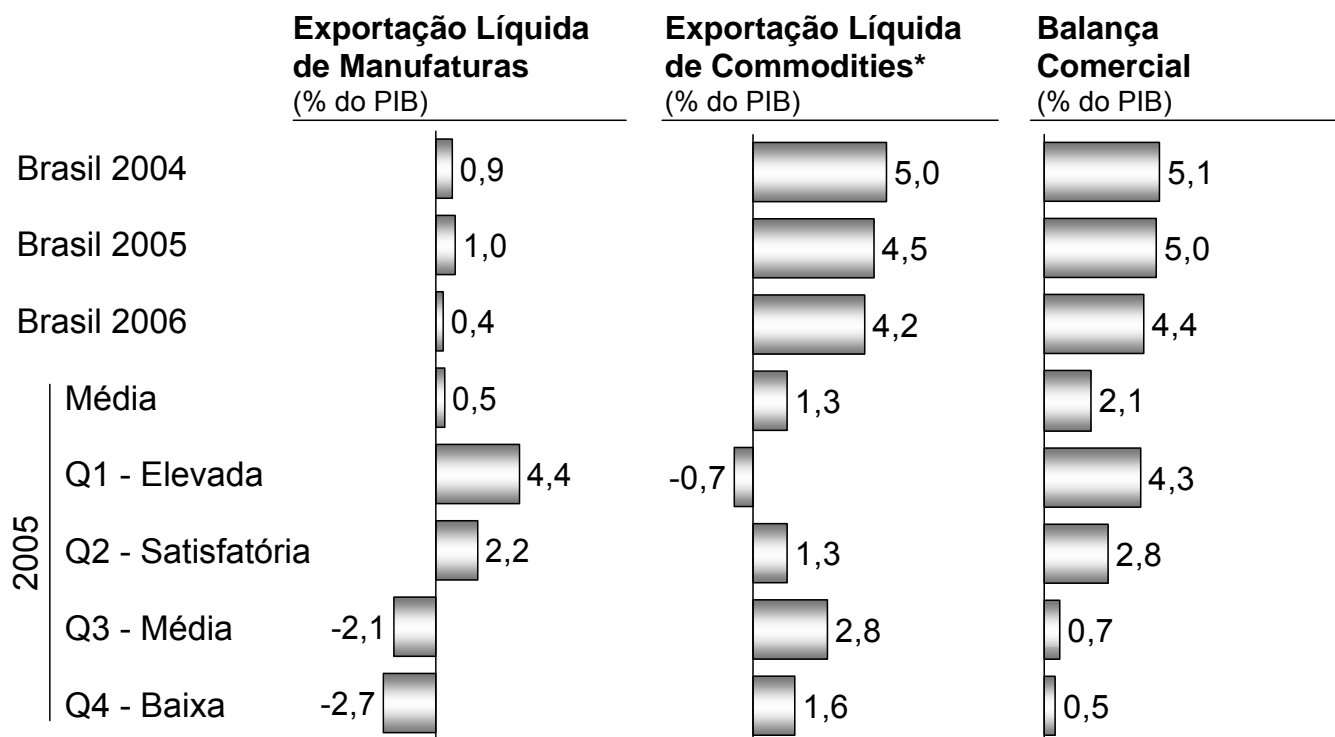
RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Nossos gastos em P&D (0,8% do PIB) estão abaixo da média mundial (1,5% do PIB) embora tenhamos níveis acima dos países com baixa competitividade (0,4% do PIB). É bom lembrar que o gasto em P&D, depois de crescer até 2002, caiu para os níveis atuais em 2004.
- ❑ O número de patentes foi de aproximadamente 205 para cada 10 milhões de habitantes, abaixo da média dos 43 países, 2.624 para cada 10 milhões de habitantes.
- ❑ É importante notar que esse resultado é melhor que quase todos os países do Q4 e melhor ainda que a maior parte dos países do Q3.

Ainda que o saldo em manufaturas seja positivo, é a exportação de commodities que explica o elevado saldo comercial dos últimos anos.

BALANÇA COMERCIAL



* Compreende alimentos, matérias-primas agrícolas e minérios (excluindo combustíveis).
 Fonte: Banco Mundial; elaboração FIESP.

41

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- Nossos saldos positivos da balança dependem em grande medida de nossas commodities.
- Vale ressaltar que nosso esforço comercial tem dado resultado haja vista que nossa performance (4,4% do PIB) se aproxima da dos países de competitividade mais elevada.
- No entanto, os efeitos do câmbio valorizado são crescentes.

Houve um recuo de 0,6 pontos percentuais na balança comercial em 2006 quando comparada com a de 2005.

- **SIMULAÇÃO I – 70% dos dados de 2006 e projeção para 2007 (Brasil).**

* Indicadores com base em projeções do IPEA.

42

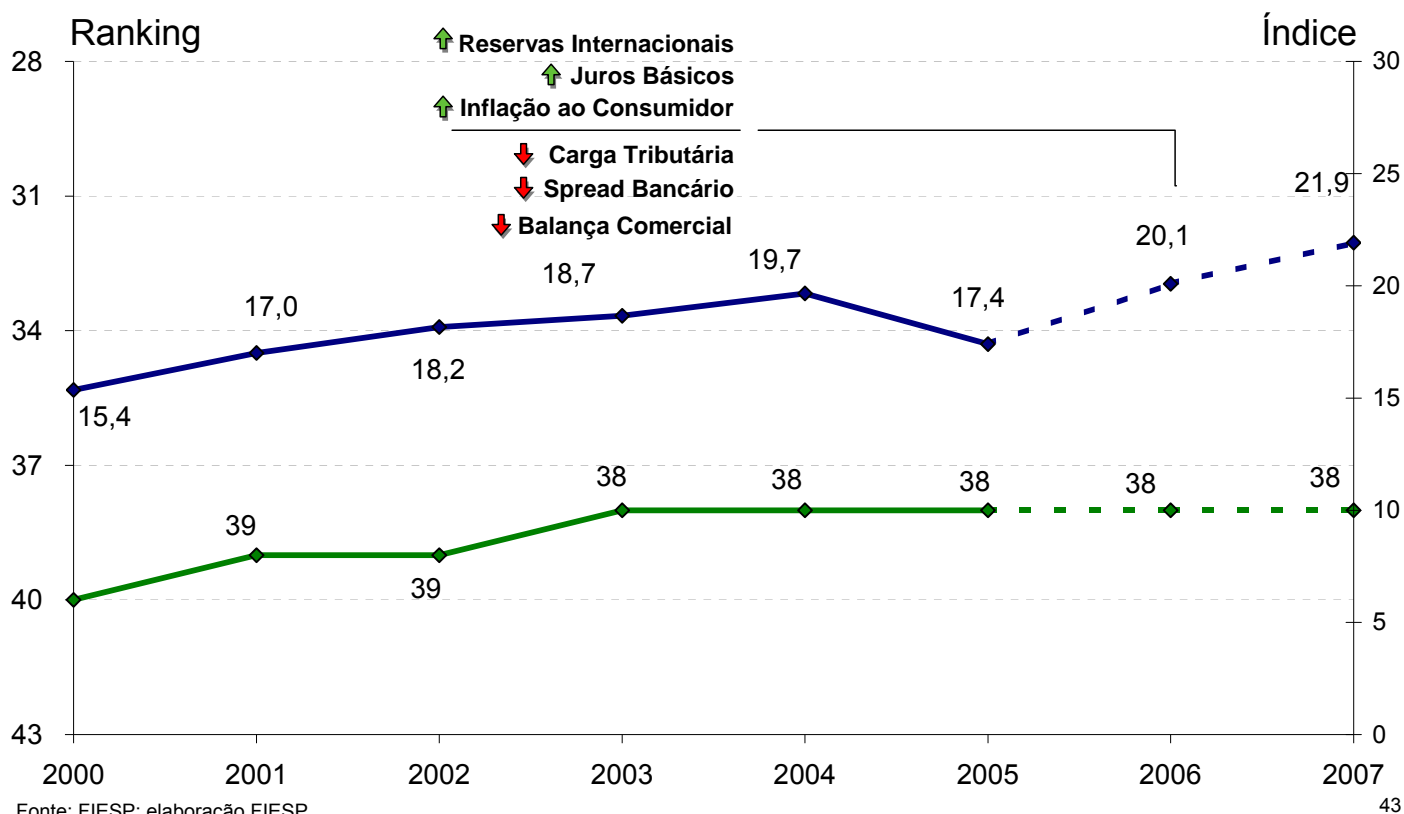
FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- A primeira simulação estima o resultado para o Brasil em 2006, utilizando-se de aproximadamente 70% dos dados, e projeta o índice de 2007 com base projeções do Banco Central e do IPEA.

IC-FIESP - Projeção para 2006 e Expectativa para 2007



FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Para fazer essa simulação utilizamos as informações já disponíveis em nossas fontes de dados, o que atingiu cerca de 70% do total de informações necessárias ao cálculo do índice completo.
- ❑ Notamos que, após uma piora, retomamos a nossa trajetória de lento crescimento da competitividade:
 - Os meses de importação pagos pela reserva bruta subiram de 5,1 em 2005 para 8,9 em 2006. A taxa básica de juros, que em 2005 havia atingido 19,1% ao ano em média, foi de 15,3% em 2006; e a inflação também caiu no período: o IPCA era de 6,9% e passou a ser de 4,2%;
 - Em contrapartida, a Carga cresceu mais de 1 ponto percentual, como vimos anteriormente; o Spread Bancário não acompanhou a redução mundial, ficando na casa dos 28,5%; e a Balança Comercial, por sua vez, reduziu seu impacto positivo, ao cair de 5,0% para 4,4% do PIB entre 2005 e 2006.
- ❑ Entretanto, a despeito da nota melhor, não passaríamos nenhum país, pois, como já salientado, a nota do México, o 37º colocado no Ranking, é 23,2.

V. AGENDA DE COMPETITIVIDADE

- **Urgente e Importante**

ANOTAÇÕES

- O IC-FIESP nos permitiu chegar a algumas conclusões interessantes.
 1. Quais fatores contribuem para a competitividade dos países por ordem de prioridade.
 2. Que fatores são “gargalos” ao nosso crescimento competitivo por ordem de importância.

AGENDA**URGENTE****CAPITAL**

- Taxa de Juros de Depósito
- Spread Bancário
- Taxa de Juros de Curto Prazo
- Crédito ao Setor Privado

GOVERNO E ECONOMIA

- Consumo do Governo
- Carga Tributária
- Formação Bruta de Capital Fixo
- Poupança Doméstica

IMPORTANTE**TECNOLOGIA**

- Gastos em P&D

INFRA-ESTRUTURA

- Computadores
- Aeroportos, ferrovias e telefonia

CAPITAL HUMANO

- Média de Escolaridade
- Taxa de Alfabetização
- Eficiência nos gastos públicos em Saúde e Educação

ANOTAÇÕES

FACTIBILIDADE

- Existem basicamente duas diretrizes para começarmos a ganhar competitividade:
 - a. Reformas no ambiente macroeconômico no Curto Prazo;
 - b. Reestruturação das condições básicas para o desenvolvimento.
- Para aumentar o investimento é preciso criar um ambiente de negócios favorável. Assim como fizeram Rússia, Hungria, Grécia, Índia, Irlanda e Israel, que dentre outras medidas reduziram o consumo do governo, a carga tributária, os juros e o Spread e aumentaram a oferta de crédito.
- Os fatores básicos de produção são essenciais para a competitividade: Investimentos na qualificação dos trabalhadores, como fizeram Coréia do Sul, Hungria, Irlanda e Malásia, e em infra-estrutura básica e tecnológica, como vêm demonstrando a Polônia, a Rússia, a África do Sul e, principalmente, a China, elevam a o potencial das empresas de um país.

46

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

Ambiente de Negócios

- ❑ A Índia, por exemplo, investia 21,5% do PIB em 1998, entretanto, em 2005, já investia 28,1% do PIB. Sua carga foi reduzida de 19,8 para 18,2 % do PIB. Os Juros nominais caíram de quase 10% ao ano para 5,7%; não por acaso o crédito saltou de 24% do PIB para 40%, ultrapassando o Brasil.
- ❑ Outro exemplo foi a Grécia, que investia menos de 20% do PIB em 1997 e, já em 2006, investiu 25,7% do PIB. Nesse período, sua carga caiu de 32 para 27,7% do PIB, os juros de 18,9 para 10,2 % ao ano, o Spread bancário caiu 1 ponto percentual (de 9 para 8 %) e o Crédito ao Setor Privado saltou de 35 % do PIB para 80%.

Fatores de Produção

- ❑ A Hungria é um exemplo no que diz respeito à qualificação dos trabalhadores: o analfabetismo é praticamente inexistente (0,7% dos adultos) e a média de escolaridade é de 9,1 anos. O país sempre investiu em educação, mas mesmo assim, elevou seus gastos de 4,3% do PIB em 1997 para 5,0% já em 2004.
- ❑ A China demonstrou avanços significativos em na sua infra-estrutura tecnológica: o país tem investido significativamente em P&D (os 0,64% do PIB de 1997 já representavam 1,33% em 2005). Não por acaso, as patentes de residentes saltaram de menos de 13 mil em 1997 para 93 mil em 2005. Com isso, o país conseguiu elevar a participação das exportações de alta tecnologia na pauta de 12,4% para 21,0% nesse período.

SIMULAÇÃO II

Países Selecionados

- Rússia
- Índia
- China
- República Tcheca
- Hungria
- Polônia
- Coreia
- Malásia
- Argentina
- Chile
- Turquia

Variáveis Selecionadas

ECONOMIA DOMÉSTICA

- Inflação ao consumidor
- FBCF

ABERTURA

- Exp. líquidas Manufaturas
- Exp. de Alta Tecnologia
- Balança Comercial
- Alinhamento câmbio

GOVERNO

- Consumo final do governo
- Carga tributária

CAPITAL

- Juros para depósito
- Juros de curto prazo
- Crédito ao setor privado

INFRA-ESTRUTURA

- Índice BID de Infra estrutura

TECNOLOGIA

- Gastos em P&D em % do PIB
- Índice de Tecnologia
- Patentes residentes

EMPRESARIAL

- Imposto sobre folha de pagamentos

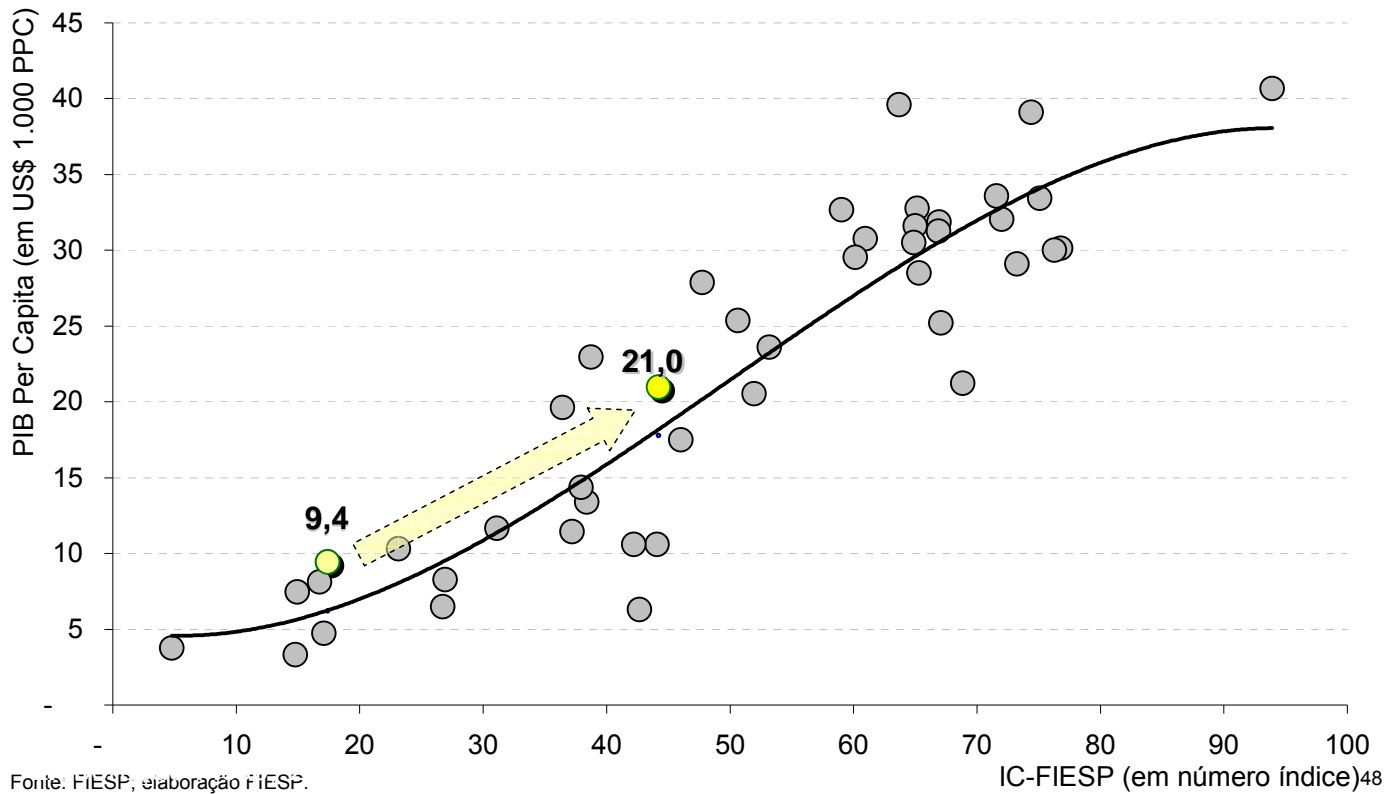
RECURSOS HUMANOS

- Média de escolaridade
- Gasto em educação
- Taxa de alfabetização
- Taxa de matrícula combinada
- Gasto em saúde setor privado
- Gasto em saúde setor público

ANOTAÇÕES

- A segunda simulação tenta analisar o que aconteceria se tivémos indicadores semelhantes a alguns desses países.
- Para tanto, substituímos os valores das mesmas variáveis por valores próximos às médias dos indicadores dos Países Selecionados mencionados anteriormente.

SIMULAÇÃO - IC-FIESP vs. PIB Per Capita - ALVO



FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

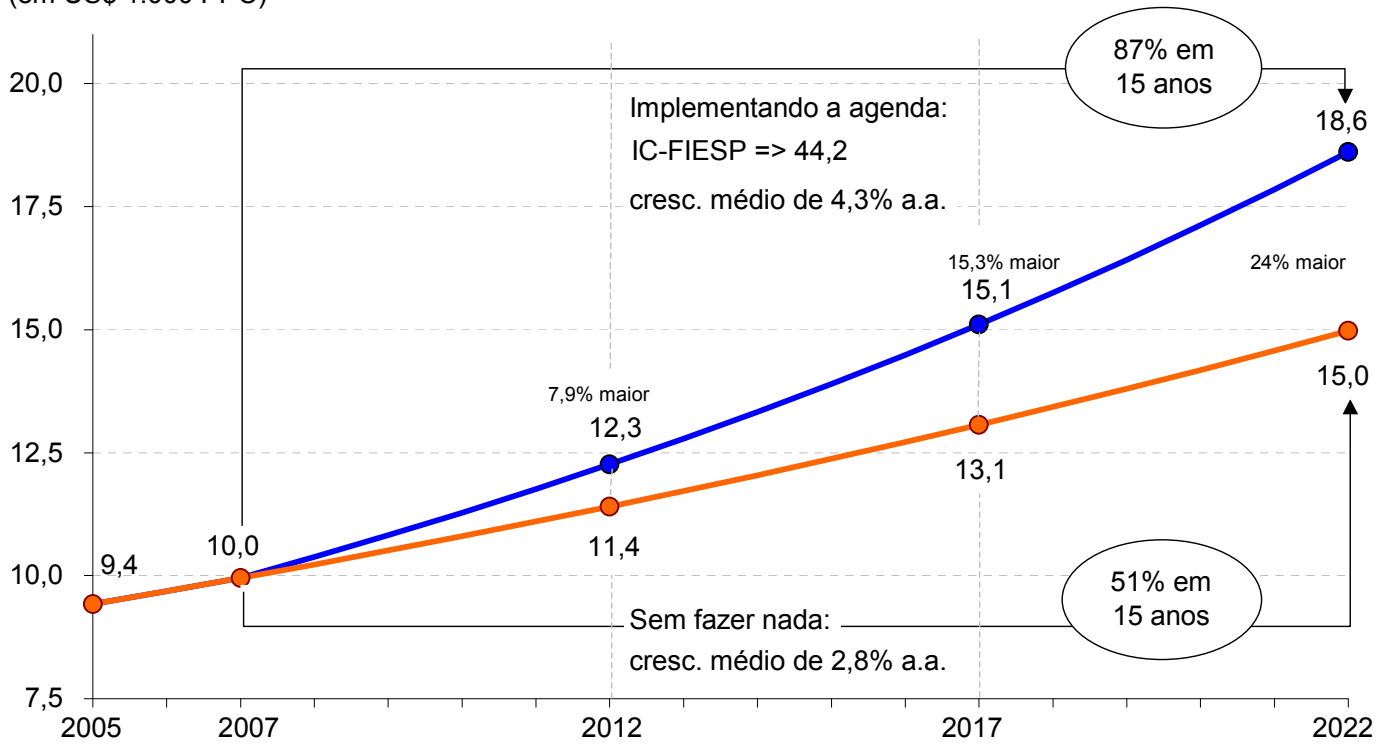
RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- O resultado seria um crescimento anual do PIB per capita em PPC de cerca de 4,3% a.a.
- Tendo em vista que o crescimento vegetativo da população brasileira está em torno de 1,4% a.a., isso implicaria num crescimento anual real do PIB de 5,7%...
- ... e nos levaria a um PIB per capita de US\$ 21 mil PPC em pouco menos de 20 anos.

BRASIL - Projeção do PIB PC - Cresc. Histórico vs Simulação - 2012-22

(em US\$ 1.000 PPC)



Fonte: FIESP; elaboração FIESP.

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ Não são taxas chinesas mas representa 24% a mais em 15 anos, quando chegaríamos a um PIB per capita de US\$ 18,6 mil em PPC.
- ❑ Se não fizermos nada, ao fim do mesmo período desfrutaríamos de apenas US\$ 15,0 mil em PPC.

VI. PROPOSTAS

50

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

PROPOSTAS DA FIESP PARA REFORMAR E CRESCER

Redução do Gasto Público

Reforma Tributária

Reforma Previdenciária

Reforma Política e do Judiciário

Política Industrial e Tecnológica

**Modernização da Infra-estrutura
(telecomunicações, energia e transportes)**

ANOTAÇÕES



PRESIDENTE
Paulo Skaf

DECOMTEC

DIRETOR TITULAR
José Ricardo Roriz Coelho

DIRETOR TITULAR ADJUNTO
Pierangelo Rossetti

DIRETORIA
Carlos Frederico Queiróz de Aguiar
Carlos William de Macedo Ferreira
Carlos Zabani
Cláudio José de Góes
Denis Perez Martins
Dimas de Melo Pimenta III
Eduardo Rabinovich
Elias Miguel Haddad
Francisco Xavier Lopes Zapata
Guilherme Archer de Castilho
João Roberto Minozzo
Karina Mendes de Carvalho Nardoza
Laércio Barbosa
Luiz Carlos Tripodo
Manoel Canosa Miguez
Mário Ceratti Benedetti
Maurício Linn Bianchi
Newton de Mello
Pedro Martins da Silva
Sérgio Paulo Pereira de Magalhães
Thaís Lamana Mendes de Carvalho Vasone
Wilson José Farhat Júnior

ÁREA DE COMPETITIVIDADE

GERENTE
Renato Corona Fernandes

EQUIPE TÉCNICA
Egídio Zardo Junior
Fernando Momesso Pelai
João Alfredo Saraiva Delgado
José Leandro de Resende Fernandes
Paulo Henrique Rangel Teixeira
Paulo Sergio Pereira da Rocha
Pedro Guerra Duval Kobler Corrêa
Silas Lozano Paz
Vanderléia Radaelli

ESTAGIÁRIOS
Carolina B. Kuzai
Guilherme Riccioppo Magacho

APOIO
Maria Cristina B. M. Flores
Milena da Veiga Toro

52

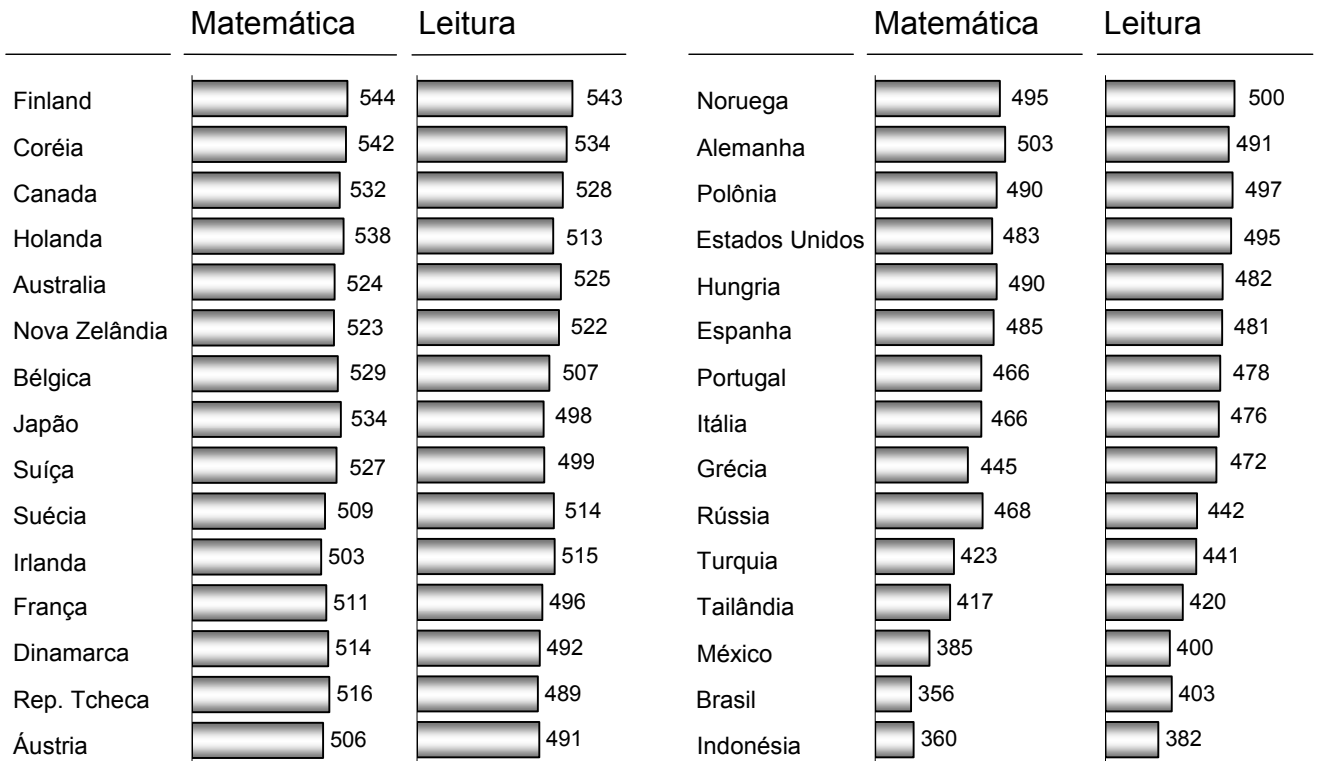
ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

- Passamos em seguida a utilizar o modelo para fazer algumas simulações.

A qualidade do ensino no Brasil está entre as piores: os alunos têm dificuldade na leitura e em utilizar a matemática em situações cotidianas.

PISA - Desempenho em Matemática e Leitura - 2003



Fonte: OCDE; elaboração FIESP.

54

FIESP IC-FIESP 2007 Apresentação 071010.ppt

RC, PK e GM

ANOTAÇÕES

- ❑ A PISA, estudo feito pela OCDE, visa avaliar o nível do ensino nos países membros da organização e de alguns convidados. Para isso, submete-se uma parcela dos estudantes de quinze anos dos países a avaliações em quatro áreas do conhecimento: Matemática, Leitura, Ciências e Resolução de Problemas.
- ❑ O Brasil apresentou em todas um péssimo desempenho: Em leitura, onde foi melhor, conseguiu ficar a frente apenas de México e Indonésia; em matemática e ciências, foi o último dentre os países do IC-FIESP*; e na resolução de problemas só ficou a frente da Indonésia.

(*) Há países do IC-FIESP, que não realizam esse estudo, e há países que realizam e não estão no IC.

PARÂMETROS PARA A SIMULAÇÃO

VARIÁVEL	2005	ALVO	COMENTÁRIOS SOBRE PEDs
Inflação ao consumidor	6,9% a.a.	2,8% a.a.	73% dos países selecionados apresentam inflação anual menor que a do Brasil. A média da inflação entre esses países foi de 2,8% a.a.
Juros para depósito	19,2% a.a.	3,1% a.a.	Utilizou-se a média dos países com juros de curto prazo menores que 10% a.a. ou seja, 3,1% a.a.
Spread bancário	28,5%	3,4%	Utilizamos a diferença entre os juros para depósito e juros para empréstimo.
Juros de curto prazo	47,2% a.a.	6,4% a.a.	100% dos países analisados apresentam taxa de juros de curto prazo menor que o Brasil. Entre eles, 73% menor que 10% a.a. Usamos sua média: 6,4% a.a.
Crédito ao setor privado	31,4% do PIB	79,6% do PIB	79,5% do PIB é a média dos países selecionados com crédito maior que o do Brasil, os quais representam nada menos que 67% dos PED.
Formação Bruta de Capital Fixo	16,3% do PIB	26,3% do PIB	Os países da amostra com investimento maior que o Brasil apresentaram média de 26,3% do PIB.

ANOTAÇÕES

- Aqui temos alguns exemplos desses indicadores e dos valores adotados.

PARÂMETROS PARA A SIMULAÇÃO (continuação)

VARIÁVEL	2005	ALVO	COMENTÁRIOS SOBRE PEDs
Consumo final do governo	20,1% do PIB	13,4% do PIB	91% dos países selecionados apresentam consumo do governo menor que o Brasil. Usamos sua média, ou seja, 13,4%.
Carga tributária	34,2% do PIB	23,4% do PIB	73% dos países selecionados apresentam carga que o Brasil. Usamos sua média: 23,4%.
Imposto sobre folha de pagamentos	27,7 do PIB per capita	21,1 do PIB per capita	36% dos países selecionados apresentam contribuição menor que a do Brasil, com média de 21%.
Exportações líquidas Manufaturas	1,1% do PIB	8,3% do PIB	50% dos PED apresentaram exportações líquidas de manufaturas maiores que o Brasil. A média entre esses países é de 8,3% do PIB.
Exportações de Alta Tecnologia	7,3% das Exportações	23,3% das Exportações	55% dos países selecionados apresentam participação de bens high-tech nas exportações maior que a do Brasil. A média entre esses países é de 23,2%.
Balança Comercial	5,1% do PIB	12,5% do PIB	Em média, entre os países selecionados que apresentam balança comercial melhor que a do Brasil o saldo é de 12,5% do PIB.
Alinhamento câmbio	0,11	0,01	73% dos PED apresentaram alinhamento de câmbio melhor que o do Brasil, entre 0,107 e -0,078. Sua média é de 0,005.
Índice BID de Infra estrutura	-0,5	-0,3	Utilizamos como meta reduzir a distância do índice médio pela metade.

ANOTAÇÕES

1. ...

PARÂMETROS PARA A SIMULAÇÃO (continuação)

VARIÁVEL	2005	ALVO	COMENTÁRIOS SOBRE PEDs
Gastos em P&D	0,9% do PIB	1,6% do PIB	Utilizamos a média dos países com gastos em P&D maiores que os do Brasil, o que exclui a Índia. Essa média é de 1,5% do PIB.
Patentes residentes	3821 mil por 10 mil habitantes	12000 mil por 10 mil habitantes	12.000 é pouco mais da metade das aplicações da Rússia mas representam um desafio para o Brasil.
Índice de Tecnologia	0,21	0,35	89% dos PED apresentaram índice de tecnologia melhor que o do Brasil. Utilizamos sua média.
Gasto em educação	3,6% do PIB	4,3% do PIB	73% dos PED apresentam gastos em educação maiores que os do Brasil. Utilizamos a média desses países, 4,3% do PIB.
Taxa de matrícula combinada	87,6 da população em idade compatível	90 da população em idade compatível	Nível pouco acima do nível da Argentina.
Alfabetização	88,6 dos adultos	96,3 dos adultos	80% dos países selecionados apresentam nível de alfabetização maior que o Brasil. Sua média é de
Escolaridade Média	5,8 anos	8,5 anos	82% dos PED apresentaram média de escolaridade maior que a do Brasil. Utilizamos a média de escolaridade desses países, 8,4 anos de estudo.
Gasto em saúde do setor privado	4,3% do PIB	4,0% do PIB	Apenas Argentina e Índia apresentam valores maiores que os do Brasil. Utilizamos sua média, ou seja, 4,7% do PIB.
Gasto em saúde do setor público	3,6% do PIB	4,5% do PIB	27% dos PED apresentaram gasto público em saúde maior que o do Brasil. Sua média em 2005 era de 5,9% do PIB.

57

ANOTAÇÕES

1. ...